

GRITO DE ALERTA

Os governos federal e locais e a sociedade estão perdendo a batalha do crack. Os efeitos dessa peste que se alastra são desastrosos. A droga é barata, de fácil obtenção por traficantes e venda indiscriminada para adultos e crianças que se drogam em crackolândias em pontos visíveis das cidades. O quadro é assustador para a população que contempla esses infernos sem poder intervir.



O retomo dos viciados à vida normal é quase impossível e a morte prematura é uma certeza cruel. Autoridades de governos e polícias locais não sabem ainda o que fazer. Predominando os menores, meninos e meninas, não é admitida a detenção dos usuários. O transporte e o tráfico da droga são facilitados pela natureza das pedras desse veneno. A disseminação do uso e a dependência imediata gerada nas primeiras experiências torna o problema ainda mais desafiador.

Surgem agora anúncios de repressão policial com detenção dos usuários, como tentativa desesperada de salvação das vítimas. Logo se levantam vozes de protesto contra a prisão dos infelizes drogados, sem consideração de idade. Organizações se equivocam em considerar essa repressão salvadora como atentado à liberdade e à vida dos usuários condenados a morrer antes do tempo. Preferimos qualificar essas medidas como tentativa desesperada de libertação dessa escravidão fatal de tantas vítimas. Pelo menos vale como experiência para avaliação posterior de sua eficácia.

Transcrito do Boletim Re

83
fato
e razão

...udo aquilo que se compartilha,
...multiplica. Papa Francisco

CONVERSA COM OS LEITORES

Estamos voltando do 18º ENA, o evento trianual do Movimento Familiar Cristão onde ficamos felizes em confirmar ao vivo, com centena de mefecistas participantes, o carinho e o interesse que têm por nossa Revista.

Isto nos serve de estímulo e nos instiga a empenhar em fazer uma revista cada vez melhor.

Neste número trazemos alguns novos colaboradores com destaque especial para o Padre Eduardo Belotti, assessor eclesialístico do MFC de Maringá, que compartilhou conosco as alegrias e os frutos do Encontro Nacional.

Ainda sobre o Encontro, publicamos com satisfação carinhosos versos dedicados à nossa maior divulgadora – a incansável Guilhermina – escritos pelo nosso querido Padre Arnaldo, também presente.

A propósito, nosso próximo Encontro Nacional está marcado para a belíssima cidade de Maringá, no Estado do Paraná, que estará se aprontando para nos acolher de braços abertos.

Lá, com certeza, pretendemos estar presentes para continuar a divulgar e a colher subsídios para nossa Revista.

Até a próxima edição.

Os Editores.

Setembro
2013

83 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional
Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Ramunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação
Ariete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuílana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Helio Amorim
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 17:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão
DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Arte e diagramação
Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

A violência em evidência	8
Oscavo Homem de Carvalho Campos	
Afinal, quem tem medo da Democracia no Brasil?	11
Considerações sobre a nota do Conselho Federal de Medicina a respeito do aborto	13
Democracia & Diversidade	15
Marco Lucchesi	
Eles não têm medo da democracia	17
Luiz Carlos Bresser Pereira	
Especulação fundiária (urbana e rural) e dependência externa constroem o desenvolvimento	19
Guilherme C. Delgado	
A peste do século XXI (II)	22
Vinícius Bocato	
Misericórdia	25
O mundo em 2030	26
Ignacio Ramonet	
O que é (e o que não é) sustentabilidade	30
Oded Grajew	
Os 50 anos da Pacem In Terris	32
José Oscar Beozzo	
Os sacramentos divinos (II)	38
Helio Amorim	
Professores e primaveras	40
Maria Inês de Castro Millen	
Você é um só	42
Luli Radfahrer	
O médico e a ética	46
O Realejo	49
AUTONOMIA... até que ponto?	51
Luiz Carlos Torres Martins	
Evangelização e Missão Profética da Igreja	54
Onde buscar a paz?	58
Pe. Eduardo Belotti	
Estamos obcecados com o "melhor"	59
Leila Ferreira	
Sabedoria antiga	61
Cora Coralina	
UNESCO concede a Frei Betto o Prêmio José Martí 2013	62
Aborto? Direito?	64
Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues	

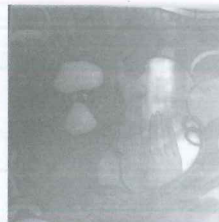
Audiovisuais em

O MFC e o Instituto da Família - INFA - oferecem programas em DVD
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados:

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e Tvs comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos

Para encomendar:
Livraria MFC
(32) 3214-2952
de 13:00 às 17:00
livraria.mfc@gmail.com



MFC 1
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 1
"Drogas: dependência e recuperação"
"Drogas: mitos e preconceitos"
"Violência na família"
"Família na escola"
"Diálogo & diálogo"
"Violência e insegurança"
"Separação e divórcio"



MFC 2
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 2
"Drogas: desafio para o educador"
"Drogas: da negação à onipotência"
"Crianças agressivas"
"Aprendizagem bloqueada"
"Motricidade oral"
"A família moderna"
"Sexualidade"



MFC 3
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 3
"Violência urbana"
"Insegurança e medo"
"Idade e maturidade"
"Ética - princípios que regem as relações humanas"
"Ética na política"
"Auto-estima sem narcisismo"
"Casamento rompido"
"Relacionamento conjugal e familiar"
"Identidade e auto-realização"

O Papa Francisco passou mensagens fortes aos políticos na Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro.

Sem perder a alegria contagiante e irradiando simpatia foi crítico severo de tudo que desumaniza e não ataca as fontes reais da pobreza e desigualdades sociais.

Papa: opção pelos pobres e condenação da corrupção

Helio Amorim

"Só pacificar as comunidades pobres, sem atacar o problema principal, isto é, o abandono da periferia, não será 'duradouro', disse. No discurso na Varginha, o papa Francisco também fez referência aos recentes protestos que ocorreram no Brasil e pediu que os mais ricos e as classes políticas sejam menos egoístas e mais solidárias. E ainda pediu aos jovens que não fiquem desiludidos com a corrupção daqueles que 'em vez de buscar o bem comum, procuram seu próprio benefício', pois 'a realidade pode mudar, o homem pode mudar'."

Depois de afirmar primeiro que queria en-
corajar os esforços que a sociedade brasi-
leira tem feito para combater a fome e a
miséria, o Papa declarou: "Nenhum es-
tórço de pacificação será duradouro,
não haverá harmonia e felicidade
para uma sociedade que ignora, que
deixa à margem, que abandona na
periferia parte de si mesma."

"Queria lançar um
apelo a todos que
possuem mais re-
cursos, às autorida-
des públicas e a to-
das as pessoas de
boa vontade compro-

metidas com a justiça social: não se cansem de trabalhar para um mundo mais justo e solidário! Ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo", afirmou.

"Não é a cultura do egoísmo, do individualismo, que frequentemente regula nossa sociedade, aquela que constrói e conduz a um mundo mais habitável, mas sim a cultura da solidariedade; ver no outro não um concorrente ou um número, mas um irmão. Uma sociedade assim simplesmente empobrece a si mesma; antes, perde algo de essencial para si mesma. Somente quando se é capaz de compartilhar é que se enriquece de verdade; tudo aquilo que se compartilha se multiplica! A medida da grandeza de uma sociedade é dada pelo modo como esta trata os mais pobres". "A igreja é advogada da justiça e defensora dos pobres, diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu, queremos ajudar em todas as iniciativas que signifiquem um autêntico desenvolvimento do homem todo e de todo o homem".

"Não existe verdadeira promoção do bem-comum, nem verdadeiro desenvolvimento do homem, quando se ignoram os pilares fundamentais que sustentam uma nação, os seus bens imateriais: a vida, que é dom Deus, um valor que deve ser sempre tutelado e promovido; a família, fundamento da convivência e remédio contra a desagregação social; a educação integral, que não se reduz em uma simples transmissão de informações

com o simples fim de gerar lucro e saúde, que deve buscar o bem-estar integral da pessoa, que é essencial para o equilíbrio humano e uma convivência saudável e segurança, na convicção de que

a violência pode ser vencida a partir da mudança do coração humano."

"Vocês, queridos jovens, possuem uma sensibilidade especial frente às injustiças, mas muitas vezes se desiludem com notícias que falam de corrupção, com pessoas que, em vez de buscar o bem comum, procuram seu próprio benefício."

"Também para vocês e para todas as pessoas repito: nunca desaminem, não percam a confiança, não deixem que se apague a esperança. A realidade pode mudar, o homem pode mudar. Procurem ser vocês os primeiros a praticar o bem, e não se acostumarem ao mal, mas a vencê-lo. A igreja está ao lado de vocês, trazendo o bem precioso da fé, de Jesus Cristo

que veio "para que todos tenham vida, e vida em abundância".

"Quando somos generosos, acolhendo as pessoas necessitadas que não têm outra coisa que não sua pobreza!, partilhando a

nossa comida e o nosso tempo, não ficamos mais pobres, mas enriquecemos. Sempre que alguém bate à sua porta vocês sempre dão um jeito de compartilhar. Como diz o ditado, sempre se pode colocar mais água no feijão".

Tributo à Guilhermina

QUEM É ESSA...

QUEM É ESTA QUE AVANÇA FACEIRA E SORRIDENTE,
DE ESPREITA PELAS IPANEMAS DO MFC
"SACOLEIRA" DE FATO E RAZÃO, INSUSPEITA.
QUEM É ESTA QUE APARECE ALTANEIRA
NAS ESQUINAS DAS COMUNIDADES OU DO REFEITÓRIO:
COM JEITO E MANEIRA
OFERECENDO NOSSA REVISTA
EM INESGOTÁVEL REPERTÓRIO
QUEM É ESTA MULHER DE RESPEITO
QUE SEGUE FELIZ NO SIM OU NO NÃO
DEGUSTANDO O PRAZER SINGELO
DE NOS APRESENTAR A FATO E RAZÃO
GUERREIRA CORAJOSA E DEDICADA,
ELA E A GAROTA PROPAGANDA
OU A PROPAGANDA AGAROTADA
DA NOSSA REVISTA AMADA
QUEM DERA QUE ELA ESCREVESSE
TUDO AQUILO QUE NOS DIZ AO PÉ-DO-OUVIDO
TENHO CERTEZA QUE SE O FIZESSE
TODOS(AS) LERÍAMOS O SEU ARTIGO
NAS PASSARELAS DO ENA E DE CONQUISTA
MOSTROU SEU CHARME ESTA MULHER-MENINA
CANTOU A FAMÍLIA E SEUS VALORES
COMO SABE FAZÊ-LO, A GUILHERMINA

Pe. Arnaldo, a pedido dos Editores

A VIOLÊNCIA EM EVIDÊNCIA

Oscavo Homem de Carvalho Campos

É apropriado e necessário a percepção de que a violência não tem preconceitos. Muitas vezes é difícil aceitar a contundência dos fatos. Ela se faz presente entre grandes líderes como Jesus Cristo, Ghandi, Joana D'arc., Martin Luther King, John Lenon, Che Guevara e John Kennedy. Ela esteve presente no modo de produção feudal, passou pelo período da revolução industrial e está em vigor na atualidade, manifestando-se sob a forma de roubo, latrocínio, seqüestro, tráfico humano, tráfico e consumo de drogas, banalização de costumes, assédio sexual, assédio moral, preconceito, falta de ética, crimes ambientais, guerras, entre

muitas outras formas, que você leitor, pode denunciar.

A imprensa mostra que ela atinge os ricos. Entre eles, por exemplo, existem assassinados, assassinos, seqüestradores e vítimas de seqüestros, vítimas de prisões domiciliares e de esdrúxulos roubos. Pesquisas mostram que, neste segmento, a incidência de violência é bem maior do que se imagina, uma vez que, para se protegerem ou mesmo exercitarem atos de vingança, estes preferem o esconderijo do anonimato, mesmo pagando caro por isso.

É evidente a existência da violência entre os pobres. Quanto maior a pobreza, mais violenta é a manifestação dela.



Estudos mostram que em situação de miséria, ou de extrema miséria, ela se transforma em um gesto cotidiano de sobrevivência animal e feroz. **Diante do horror da violência, o ser humano está bem próximo do ponto zero de sua auto-estima, em qualquer lugar do mundo, quando se vê obrigado a disputar a sua sobrevivência com os urubus, ratos e outros peçonhentos animais e transformando em verdadeiro ato de guerra a disputa "das novidades" chegadas em cada caminhão de lixo.**

É extremamente degradante, para quem tem "um pinga" de sensibilidade humana, observar pessoas perambulando, pelas ruas, à procura de restos de alimentos, em latões e sacos de lixo, para saciar sua fome. Assim, dói ao espírito pensar que quanto maior é a riqueza e o conforto de alguns, mais os pobres, em maioria numérica, convivem com a falta de água tratada, com a inexistência de sistemas de esgoto e escoamento pluviométrico, com as mortes e o desespero em filas de hospitais, morando pelas ruas, entre outras situações promotoras de exclusão social. É preciso aguçar a mente e perceber que o desejo insaciável de riqueza, a ânsia de poder e a ideologia do conforto e do prazer sacrificam uma

parcela enorme e significativa do "povo de Deus" que é rico de nada, mas tem o direito natural de ser feliz.

Na rota da violência sem preconceito, povos e civilizações foram dizimados, como é o caso dos astecas, dos incas e dos maias, em relação aos quais, o que existe são, basicamente, pontos de exploração turística e algumas peças de museus, para o deleite dos ricos. **Aqui, como em outras importantes formações culturais humanas, a violência ignorou a agonia dos soldados, o sofrimento de mães de família ou mesmo o revoltado choro de filhos órfãos, condenados ao abandono sem serem culpados.**

O terror, os chicotes, o choro, o ranger de dentes e a revolta, também se fizeram presentes entre os negros e as populações originariamente encontradas no Brasil, chamadas pejorativamente de índios. Considerados pelos dominadores como raças inferiores, sofreram e sofrem um profundo, doloroso e ignóbil processo de discriminação social, política e econômica, que se projeta aos nossos dias, como grandes desafios, em relação a construção da verdade, justiça e da paz entre seres humanos.

É a violência sem preconceito, por exemplo, que:

- Está a destruir famílias vitimadas pelas drogas, tráfico de órgãos, prática de pedofilia, exploração sexual de menores, traições conjugais, prostituição (até mesmo estimulada por segmentos midiáticos) e contrabando de órgãos humanos.

- Submete menor a treinamento para a prática de crimes, que colocam em cheque a credibilidade nas instituições públicas e nos responsáveis pelo gerenciamento do combate aos gestos de violência.

- Leva o País a falta de um modelo educacional coerente com as necessidades do bem comum, até mesmo em virtude de uma logística de mercado especulativo, onde os meios justificam os fins e o fim último é o lucro.

- Se faz presente na falta de ética em segmentos da saúde, no cotidiano do trânsito, ou mesmo na dominação cultural, espaço no qual as pessoas absorvem outros idiomas e outros com-

ponentes culturais estranhos, sendo levadas, ao consumismo inconseqüente, de culturas de "gueto" e aceitando a própria transformação de pessoas em massa despersonalizada, agindo como "verdadeiros macacos de imitação".

Tudo o dito aqui, pode ser encontrado via observação dos acontecimentos mostrados nos segmentos dos meios de comunicação de massa. É preciso acreditar que "o nosso cérebro é o melhor brinquedo que já foi criado e que nele encontram-se todos os segredos, inclusive o da felicidade Charles Chaplin".

Já que o certo e o errado existem, ao se entender quer a VIO-LÊNCIA NÃO TEM PRECONCEITO, O QUE DEVE SER FEITO PARA COMBATÊ-LA, TAMBÉM SEM PRECONCEITO?

- Talvez, aqui se justifique o jargão: -"QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER".

Oscavo Homem de Carvalho Campos é professor, Membro do MFC/UF e da equipe editorial de Fato e Razão.

Nós não precisamos de muita coisa. Só precisamos uns dos outros... e de sonhos.

(Oscar Wilde)

AFINAL, QUEM TEM MEDO DA DEMOCRACIA NO BRASIL?

Emir Sader *

Uma imensa disputa ideológica e política se dá em torno da democracia? Quem é democrático e quem não é? Uma disputa para se apropriar do termo, com a pretensão de que quem apareça como democrático, será automaticamente hegemônico.

Ocorre que tudo depende do conceito predominante de democracia. Quem poderia dizer que as oligarquias familiares, proprietárias monopolistas dos meios de comunicação tradicionais no Brasil, apareçam como as mais defensoras da democracia, supostamente ameaçada pelo Estado que promove o maior processo de democratização na sociedade brasileira, com o apoio maciço da grande maioria da população, em consultas eleitorais amplas e abertas, com a participação majoritária da população?

Isso ocorre porque falamos de coisas distintas quando falamos de democracia. A concepção dominante, de que se valem aqueles órgãos

e os partidos da oposição, remete à concepção liberal de democracia. Esta nasceu fundada nos direitos dos indivíduos, contra o Estado, considerado a maior ameaça à liberdade e à democracia.



E uma concepção fundada nos indivíduos, considerados a única realidade efetiva nas sociedades. Margareth Thatcher chegou a afirmar que: "Não há mais sociedade, só indivíduos" - utopia maior do liberalismo. E em torno dos direitos individuais que se estruturaria a sociedade.

Numa sociedade como a norte-americana, entre os direitos inalienáveis expressos na Constituição, está o direito do porte de armas, para que os indivíduos se defendam do Estado. (Não importa se as armas terminam nas mãos de crianças, que matam os colegas na escola ou o seu irmãozinho.) De tal forma os direitos individuais se sobrepõem aos direitos coletivos, que

Obama não conseguiu, mesmo esgrimindo o massacre de crianças naquela escola dos EUA, limitar esse direito inalienável que os norte-americanos se reservam.

Segundo os preceitos liberais, se há separação de poderes, se há eleições periódicas, se há pluralidade de partidos, se há imprensa livre (atenção: para eles imprensa livre quer dizer imprensa privada), então haveria democracia. O liberalismo utiliza critérios institucionais, políticos, formais, para definir democracia. O próprio Brasil foi, durante muito tempo, o país mais desigual do mundo, porém passou a ser considerado democrático, quando passou a respeitar aqueles cânone, não importando que fosse uma ditadura econômica, social e cultural.

Hoje, quando o Brasil passa por um processo inédito de democratização social, as oligarquias se sentem ameaçadas. Já não controlam o governo nacional, perdem sistematicamente as eleições em nível nacional, sentem que camadas sociais que eram sempre postergadas por eles vêem reconhecidos seus direitos e reagem de forma violenta.

Para que se tome efetivamente uma democracia, o Brasil precisa passar por um processo de democratização econômica, política e cultural. Precisa democratizar a economia, quebrando a hegemonia do capital especulativo, promovendo o

predomínio dos investimentos produtivos, que gerem bens e empregos. Precisa promover amplamente a pequena e a média produção no campo, aquela que gera empregos e produz alimentos para o mercado interno.

Precisa democratizar as estruturas de representação política, promovendo o financiamento público das campanhas eleitorais, para que os partidos representem efetivamente a população, sem a intermediação falseadora do dinheiro.

Precisa democratizar o Judiciário, para que seja um órgão eleito e controlado pela cidadania e não pelas oligarquias do poder e da riqueza.

Precisa democratizar os processos de formação da opinião pública, quebrando o monopólio privado das poucas famílias que dominam de forma monopolista os meios de comunicação. Não se trata de que se impeça alguém de falar mas, ao contrário, que se permita que todos falem, pela multiplicação e diversificação dos distintos meios de comunicação.

A democracia é a maior ameaça ao poder das oligarquias tradicionais. Por isso reagem de maneira irada aos processos de democratização em curso na sociedade brasileira.

**Emir Sader é Sociólogo, cientista político e jornalista. emirsader@uol.com.br*

Considerações sobre a nota do Conselho Federal de Medicina a respeito do aborto

Causou surpresa à sociedade brasileira a decisão tomada pelo Conselho Federal de Medicina, durante o I Encontro Nacional dos Conselhos de Medicina, favorável à interrupção da gravidez até a 12ª semana, como prevê a proposta do novo Código Penal, em discussão no Senado Federal. As imediatas reações contrárias a esse posicionamento demonstram a preocupação dos que defendem a vida humana desde sua concepção até a morte natural. Merece, por isso, algumas considerações.

O drama vivido pela mulher por causa de uma gravidez inde-

sejada ou por circunstâncias que lhe dificultam sustentar a gravidez pode levá-la ao desespero e à dolorosa decisão de abortar. No entanto, é um equívoco pensar que o aborto seja a solução.

Nossa civilização foi construída apostando não na morte, mas na vitória sobre a morte. Por isso a Igreja criou hospitais, leprosários, casas para acolher deficientes físicos e psíquicos. Recorde-se, em época recente, a figura das Bem-aventuradas Madre Teresa de Calcutá e Irmã Dulce dos pobres, bem como os milhares de pessoas que, quotidianamente, se dedicam a defender e promover a vida humana e sua dignidade.

As constituições dos principais países ocidentais apresentam uma perspectiva claramente favorável à vida. A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 1º, afirma que a República Federativa do Brasil tem como um de seus fundamentos a dignidade da pessoa humana. E, no seu artigo 5º, garante a inviolabilidade do direito à vida.

Ajuda a evitar o aborto a implantação de políticas públicas que criem formas de amparo às mulheres



grávidas nas mais variadas situações de vulnerabilidade e de alto risco, de tal modo que cada mulher, mesmo em situações de grande fragilidade, possa dar à luz seu bebê. Esta solução é a melhor tanto para a criança, que tem sua vida preservada, quanto para a mulher, que fica realizada quando consegue ter condições para levar a gravidez até o fim, evitando o drama e o trauma do aborto.

O Conselho Federal de Medicina ao se manifestar favorável ao aborto até 12 semanas parece não ter levado em consideração todos os fatores que entram em jogo nas situações que se pretendem enfrentar. Sua decisão, que não contou com a unanimidade dos Conselhos Regionais, deixa uma mensagem inequívoca: quando alguém atrapalha, pode ser eliminado.

Para justificar sua posição, o CFM evoca a autonomia da mulher e do médico, ignorando completamente a criança em gestação. Esta não é um amontoado de células sem maior significado, mas um ser humano com uma identidade biológica bem definida; com um código genético próprio, diferente do DNA da mãe.

Brasil: esse estranho país de corruptos sem corruptores

Luís Fernando Veríssimo

Amparado no ventre materno, o nascituro não constitui um pedaço do corpo de sua genitora, mas é um ser humano vivo com sua individualidade. A esse respeito convergem declarações de geneticistas e biórnédicos.

Todos esses fatores precisam ser considerados no complexo debate sobre o aborto, reconhecendo os direitos do nascituro, dentre os quais o direito inviolável à vida que vem em primeiro lugar.

Que os legisladores sejam capazes de considerar melhor todos os aspectos da questão em pauta, que seja possível um diálogo aberto, com abertura para alargar o uso da razão. O uso apropriado da mesma não descartaria nenhum fator, reconhecendo os direitos do nascituro, o primeiro deles, o direito inviolável à vida. Deste modo, será possível legislar em favor do verdadeiro bem das mulheres e dos nascituros, e se consolidará o Estado democrático, republicano e laico, que tanto desejamos.

+ João Carlos Petrini - Bispo de Camaçari (BA), Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família/CNBB

DEMOCRACIA & DIVERSIDADE

Marco Lucchesi

O Brasil é uma república teocrática e de cunho fundamentalista. Eis a conclusão a que chegaria um marciano, se sua lei-tura dependesse exclusivamente da tevê aberta no país, captada (digamos) nas terras baixas do planeta vermelho, onde trabalha hoje o robô Curiosity.

A omissão do poder público nesses trinta anos é de tal ordem espetacular no setor que não deixa margem a leituras inocentes ou marcianas. Num país como o Brasil, onde a educação e a saúde públicas lutam para obter patamares de dignidade, a tevê aberta veicula, dia e noite, a difusão de "milagres", fora da medicina, com um sotaque velado ou acintoso de grave intolerância, sobretudo, mas não exclusivamente, diante das religiões afro-brasileiras, pintadas em cores primitivas e deploráveis.

preservação da liberdade religiosa, uma das jóias de nossa diversidade cultural. A imposição diuturna daqueles programas de rádio e tevê fere em cheio os princípios fundamentais da Carta Magna e cria bolsões de preconceito inadmissíveis.

Quero enfatizar que todas as igrejas merecem respeito, incluindo as que acabo de criticar. Respeito aos fiéis que vivem sua autêntica manifestação de fé. Eis o que não se pode absolutamente perder de vista.

Porque toda a prática religiosa é portadora de um conjunto simbólico de impacto e adesão subjetiva. Posso discordar de um ou de outro conteúdo ideológico, mas a oposição frontal a que me refiro surge quando aspectos antidemocráticos (e extrarreligiosos) vão de encontro aos princípios republicanos mais elementares.

Felizmente, não faltam no Brasil coletivos que trabalham para o fortalecimento do diálogo de tra-



O que se espera, além do natural cumprimento da lei, por parte dos órgãos competentes, é a

dições diversas. Na esfera acadêmica, acompanho com entusiasmo o programa de ciências da religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Trata-se de verdadeiro laboratório de reflexão, de que se destaca o teólogo leigo Faustino Teixeira. Todas as denominações têm espaço na estrutura do curso, no corpo docente e nas linhas de pesquisa. A diversidade da expressão católica e evangélica é acolhida sem restrição, como legítimos objetos de estudo, a que se incluem, juntamente com as religiões africanas, o islamismo, o judaísmo, o budismo e o hinduísmo.

Laboratório, portanto, da diversidade, considerada não como

planta exótica, mas no viés da religião comparada, segundo um gesto interdisciplinar raro na universidade brasileira, sobretudo quando se trata de estudos da religião. Faustino Teixeira organizou o livro "Nas teias da delicadeza" no qual defende o respeito ao nome religioso, abordagem que requer a delicadeza como princípio e fim da pesquisa. Atitude visceralmente oposta à do proselitismo vulgar.

Feitas as ressalvas, posso dizer que não existe salvação, do corpo e da alma, fora do espírito democrático.

Extraído do Boletim Res

Eles não têm medo da

DEMOCRACIA

Luiz Carlos Bresser Pereira*

As grandes manifestações que estão ocorrendo no Brasil são um momento de retomada do espírito cívico e democrático de jovens que pareciam imersos no cinismo consumista, mas tiveram como alvo principal os políticos, que são uma condição para a existência da democracia.

A melhor metáfora foi a de Gabriel Cohn, em entrevista ao "Valor": "Se não estancarmos esse sangramento democrático, que é a ideia de que o político não presta, teremos problemas. Se você não tem partidos organizados, com militantes saindo às ruas, não estanca o sangramento. Isso promove uma seleção perversa".

Em lugar de militantes políticos devotados, a política foi sendo tomada por oportunistas. Ninguém decente deseja dedicar sua vida a ela. O grave risco por que passa o Brasil não é, portanto, a desordem, mas a desmoralização da política.

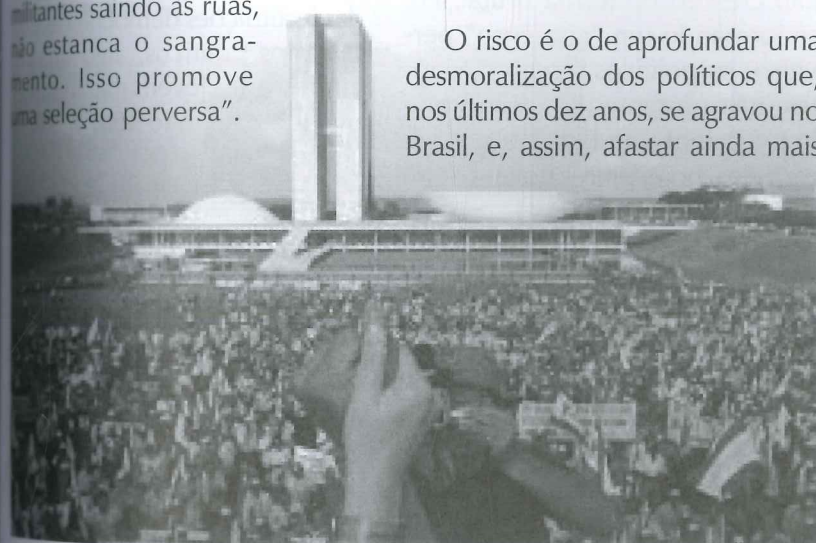
As impressionantes manifestações de junho alcançaram seu objetivo específico, a revogação dos reajustes dos ônibus, mas, ao contrário das Diretas Já ou da Primavera Árabe no Egito e na Tunísia, que tinham uma meta clara, a democracia, os manifestantes querem a melhoria da qualidade da democracia, algo que não se alcança em um dia.

O risco é o de aprofundar uma desmoralização dos políticos que, nos últimos dez anos, se agravou no Brasil, e, assim, afastar ainda mais

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



da política os jovens mais talentosos. Ora, não há democracia sem política e sem representação.

A democracia participativa é um objetivo, mas longínquo: enquanto isso, não há construção social da nação e do Estado sem a intermediação dos políticos.

A desmoralização dos políticos é uma estratégia liberal clássica; é uma forma pela qual as elites, que temem a democracia, buscam neutralizar aqueles que em princípio representam esse povo. É verdade que os políticos facilitam essa tarefa quando se deixam corromper: não representam seus eleitores, mas seus próprios interesses e os daqueles que os financiam.

Mas no Brasil, na última década, a campanha de desmoralização cresceu de forma brutal. Foi se formando um "consenso" perverso: os políticos seriam corruptos, não obstante os serviços que já prestaram - ao Brasil, e não serem eles, hoje, piores do que eram no passado.

"Criatividade consiste em ver o que todo mundo vê, mas pensar e fazer o que ninguém pensou e fez"

Szent-Gyorgyi

Um fato novo agravou o tradicional medo da democracia das elites. Há dez anos, pela primeira vez na história, o Brasil é governado por uma coalizão de esquerda.

É verdade que por uma centro-esquerda social-democrata que vem atraindo empresários a uma política desenvolvimentista mas, de qualquer forma, um governo que não se deixou cooptar pelas elites liberais. Isto é inaceitável para elas, e as leva a aumentar a violência da crítica. Esse fato novo talvez explique a grande perda de confiança no Congresso e nos políticos nos últimos dez anos. E ajuda a explicar a dimensão das manifestações.

Creio que elas, afinal, ajudarão a melhorar a qualidade da democracia brasileira, mas desde que representem uma cobrança aos políticos, e não a desmoralização das instituições democráticas e dos próprios políticos, algo que não interessa aos jovens manifestantes porque eles não têm medo da democracia.

Transcrito da Folha de São Paulo

ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA (URBANA E RURAL) E DEPENDÊNCIA EXTERNA CONSTRANGEM O DESENVOLVIMENTO

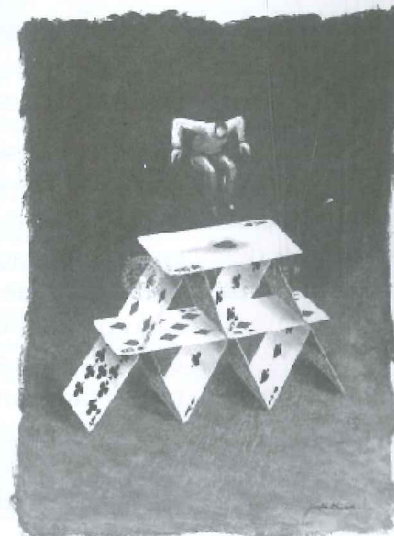
Guilherme C. Delgado *

Vou interpretar à minha maneira reflexões muito ricas, compartilhadas por vários colegas, sobre "Oportunidades e Desafios ao Desenvolvimento", Seminário promovido pelo Instituto de Economia da UNICAMP juntamente com a "Plataforma de Política Social, reunindo dezenas de pesquisadores do campo pluridisciplinar das políticas sociais. A dois destes pesquisadores - Ermínia Maricato e Paulo Baltar sou devedor de "insights" brilhantes, colhidos em conversas diversas.

Sobre os dois fatores de crescimento enunciados no título deste artigo, ironicamente são os mesmos vetores que impeliram o crescimento da economia no período recente (2004-2010) e que ora o embarçam: a especula-

ção fundiária urbana conduzida pelo investimento em infraestrutura urbana (desregulada) e pela expansão da construção civil, adicionada à especulação imobiliária rural, provocada por uma peculiar expansão das "commodities", também desregulada e financeiramente estimulada pelo sistema de crédito rural. 2 - o ingresso maciço de capital estrangeiro, principalmente a partir de 2004, quando pelo desempenho das exportações, principalmente dos setores primários, a economia brasileira passa a ser vista como solvável e confiável, do ponto de vista do movimento internacional de capitais.

Observe-se que nos dois casos citados de melhoria na atratividade à expansão econômica recente, o eixo motor é a valorização da riqueza fundiária. Arrastam no primeiro momento a construção civil (setor



urbano) e agricultura, agroindústria e mineração no setor primário. Mas essa expansão depende de maneira umbilical da renda fundiária e não propriamente da inovação técnica e da produtividade industrial. E quando essa renda bate no teto especulativo por ela própria instigado, como parece ser o caso atual, os 'setores produtivos' por ela movidos tendem a se atrofiar.

O outro fator de constrangimento ora sob análise - a dependência externa, na forma como esta vem se manifestando - o déficit nas transações externas, ligase também de maneira visceral ao primeiro - a especulação fundiária, passando forçosamente pelo enfraquecimento industrial, que provavelmente é a causa oculta de todo esse processo vicioso. Vejamos como isto se revela na conjuntura.

Se considerarmos o déficit nas transações externas como indicador de dependência externa, veremos que este fator não é novo, nem necessariamente sinônimo de constrangimento externo ao desenvolvimento. Por isso precisamos qualificá-lo.

Há seis anos o País acumula persistente e crescente déficit nas transações externas (2008-2013), depois de se livrar dele por curto

período (2003-2007), graças a um acelerado processo de incremento das exportações primárias, mas também manufatureiras (num primeiro momento). Mas nos últimos cinco anos tivemos um agravamento quantitativo e qualitativo desse déficit, que é histórico nos "serviços (dividendos juros vivos, seguros, fretes etc.). Triplamente o déficit dos serviços e a este se adiciona no último triênio um déficit muito forte no comércio de produtos manufaturados. Com esta configuração do "déficit" externo, que este ano deve ultrapassar os 3,0% do PIB, cerca de 60 bilhões de dólares, ficaremos ainda mais constrangidos para crescer nos ramos e atividades que vínhamos nos especializando recentemente.

a) o setor primário exportador relativamente desacelerado com certa retração das "commodities"

b) a construção civil e a infraestrutura, desacelerados pela especulação imobiliária e pela falta de riqueza do investimento público;

c) o gasto social, vinculado aos benefícios monetários das políticas sociais, que tem tido papel positivo na sustentação da demanda interna, mas que ora vem sendo vazado para o exterior em razão da crescente dependência de importações também dos bens salariais, distorção que ora vem configurando até mesmo a renda do trabalho (efeito da desindustrialização).

Em síntese, o sistema econômico e o sistema de direitos sociais cresceram e distribuíram renda no período recente, o que é positivo. Mas como esse crescimento se fez desvinculado do crescimento da produtividade industrial, mas vinculado à riqueza fundiária e à dependência externa, temos graves limites a resolver, sob pena da estagnação, conflito distributivo e mais dependência externa.

Os desafios que estão postos não são fatalidades, mas constrangimentos estratégicos de caráter estrutural e essencialmente políticos. Mas

será que governo e oposição lêem a situação dessa forma. Ou continuam apostando no jogo de cartas marcadas, que ora é ganho pelo grupo da estagnação neoliberal, ora pelo neo-subdesenvolvimento - crescimento econômico constrangido pela dependência e pela concentração da riqueza.

Pergunto para provocar reflexão ética e política.

* Guilherme C. Delgado Economista e pesquisador do IPEA.
guilhermestadelgado@gmail.com
Transcrito do Boletim Rede

Cada família do MFC

Assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.
Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

**Tel/Fax: (32)3214-2952
de 13:00 às 17:00**

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO
Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

Concluimos a publicação de um estudo muito realista sobre o consumo de drogas, agora com potencial maior de expansão pelo baixo custo do crack, acessível a ricos e pobres, especialmente a jovens e crianças. O autor Vinicius Bocato é estudante da Faculdade Cásper Líbero (SP), que pergunta, diante da repressão anunciada: *"o objetivo é tentar reduzir a violência ou atender a um desejo coletivo de vingança?"*

A peste do século XXI

Vinicius Bocato.

Na última semana uma tragédia abalou todos os funcionários e alunos da Faculdade Cásper Líbero, onde estou terminando o curso de jornalismo. O aluno de Rádio e TV **Victor Hugo Deppman**, de 19 anos, foi morto por um assaltante na frente do prédio onde morava, na noite da terça-feira (9). O crime chocou não só pela banalização da vida – Victor Hugo entregou o celular ao criminoso e não reagiu –, mas também pela constatação de que a tragédia poderia ter acontecido com qualquer outro estudante da faculdade.

Esse novo capítulo da violência diária em São Paulo ganhou atenção especial da mídia por um detalhe: o criminoso estava a três dias de completar 18 anos. Ou seja, cometeu o latrocínio (roubo seguido de morte) enquanto adolescente e foi encaminhado à Fundação Casa.



Óbvio que a primeira reação é de indignação; acho válida toda a revolta da população, em especial da família do garoto, mas não podemos deixar que a emoção nos leve a atitudes irresponsáveis. Sempre que um adolescente se envolve em um crime bárbaro, boa parte da população levanta a voz para exigir a redução da maioridade penal. Alguns vão adiante e chegam a questionar se não seria hora do Estado se igualar ao criminoso e implantar a pena de morte no país. Foi o que fez de forma inconsequente o filósofo

Renato Janine Ribeiro, em artigo na Folha de S. Paulo, por ocasião do assassinato brutal do menino João Hélio em 2007.

Além de obviamente não termos mais espaço para a Lei de Talião no século XXI, legislar com base na emoção **nada mais atende do que a um sentimento de vingança**. Não resolve (nem ameniza) o problema da violência urbana.

O que chama a atenção é a maneira como a grande mídia cobre essas tragédias. A maioria das matérias que vemos nos veículos tradicionais só reforçam uma característica do Brasil que eles mesmo criticam: somos o país do imediatismo. **A cada crime brutal cometido por um adolescente, discutimos os efeitos da violência, mas não as suas causas. Discutimos como reprimir, não como prevenir.** É uma tática populista que desvia o foco das reais causas do problema.

Abaixo exponho a lista de motivos pelos quais **sou contra a redução da maioridade penal**.

AS LEIS NÃO PODEM SE BASEAR NA EXCEÇÃO

A maneira como a grande mídia cobre estes crimes bárbaros cometidos por adolescentes nos dá a (falsa) impressão de que eles es-

tão entre os mais frequentes. É justamente o inverso. O relatório de 2007 da Unicef "Porque dizer não à redução da idade penal" mostra que crimes de homicídio são exceção:

"Dos crimes praticados por adolescentes, utilizando informações de um levantamento realizado pelo ILANUD [Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente] na capital de São Paulo durante os anos de 2000 a 2001, com 2.100 adolescentes acusados da autoria de atos infracionais, observa-se que a maioria se caracteriza como crimes contra o patrimônio. Furtos, roubos e porte de arma totalizam 58,7% das acusações.

Já o homicídio não chegou a representar nem 2% dos atos imputados aos adolescentes, o equivalente a 1,4 % dos casos conforme demonstra o gráfico abaixo." E para exibir dados atualizados, dentre os 9.016 internos da Fundação Casa, neste momento apenas 83 infratores cumprem medidas socioeducativas por terem cometido latrocínio (caso que reacendeu o debate sobre a maioridade penal na última semana). **Ou seja, menos que 1%.**

Redução da maioridade penal não diminui a violência. O

debate está focado nos efeitos, não nas causas da violência

Como já foi dito, a primeira reação de alguns setores da sociedade sempre que um adolescente comete um crime grave é gritar pela redução da maioridade penal. Ou quase isso: dificilmente vemos a mesma reação quando a vítima mora na periferia (nesses casos, a notícia vira apenas uma notinha nas páginas policiais). Mas vamos evitar leituras ideológicas do problema.

A redução da maioridade penal não resolve nem ameniza o problema da violência. "Toda a teoria científica está a demonstrar que ela [a redução] não representa benefícios em termos de segurança para a população", afirmou em fevereiro Marcos Vinícius Furtado, presidente da

OAB. A discussão em torno da maioridade penal só desvia o foco das verdadeiras causas da violência.

O Instituto Não Violência é bem enfático quanto a isso: "As pesquisas realizadas nas áreas social e educacional apontam que no Brasil a violência está profundamente ligada a questões como: **desigualdade social** (diferente de pobreza!), **exclusão social, impunidade** (as leis existentes não são cumpridas, independentemente de serem "leves" ou "pesadas"), **falhas na educação familiar e/ou escolar** principalmente no que diz respeito à chamada educação em valores ou comportamento ético, e, finalmente, certos processos culturais exacerbados em nossa sociedade como **individualismo, consumismo e cultura do prazer**."

"A juventude constitui um extraordinário fator de otimismo, pois ela sente por instinto que a adversidade é apenas transitória, e que a desgraça permanente é tão pouco viável quanto o caminho estreito e reto da virtude."

Charlie Chaplin (Carlitos)



Misericórdia

Senhor deus do universo! – Não importa qual seja o nome que lhe é dado pelos povos, no mundo. Tem misericórdia daqueles cujas palavras são falsas e muitas vezes falam mais alto do que os seus atos. Ajuda na conversão do patrão que abençoa seu empreendimento, mas comete atentados contra a dignidade de seus empregados. De mesma forma, senhor Deus do Universo, converte os operários negligentes, preguiçosos e improdutivos no trabalho.

Mostra ao jovem, marcado pela imaturidade, praticante do individualismo, do egoísmo e dos absurdos comportamentais, que, na vida, é importante a compreensão, a solidariedade e o esforço para a construção da harmonia e da paz como caminho para ser feliz. De mesma forma, senhor, mostra aos pais, dedicados e fieis servidores do mercado, a importância de retomarem a caminhada em prol da educação convivida com os filhos, valorizando a vida no lar.

Senhor do Universo, livra seus filhos e filhas de qualquer idade, da dependência exclusivista, cruel e escravizadora do aparato tecnológico de informação, que tende a levá-los ao isolamento ao culto de valores destrutivos e à prática de vício e deformações geradoras de infelicidade e de tristeza individual e social.

Tem piedade dos casais que, motivados por discussões e desentendimentos banais se separam, provando desilusão, sofrimento e tristeza direta e indireta de vários.

Estenda seu abraço universal e acolhedor aos que roubam, matam, estupram, são pedófilos e de muitas outras formas atentam contra a dignidade humana. Mostra a eles, senhor de todas as criaturas, que o perdão, o exercício da solidariedade e a caridade constroem a verdade e a justiça e a paz sustentada no amor.

Equipe editorial de Fato e Razão



O MUNDO EM 2030

Ignacio Ramonet *

De quatro em quatro anos, no início de cada novo mandato presidencial nos Estados Unidos, o National Intelligence Council (NIC), o departamento de análise e antecipação geopolítica e econômica da Central Intelligence Agency (CIA) publica um relatório que se converte automaticamente numa referência para todas as chancelarias do mundo.

Ainda que obviamente se trate de uma visão muito parcial (a de Washington), elaborada por uma agência, a CIA, cuja principal missão é defender os interesses dos Estados Unidos, o relatório estratégico do NIC apresenta uma indiscutível utilidade porque resulta de uma posição conjunta - revista por todas as agências de segurança dos Estados Unidos - de estudos elaborados por peritos independentes de várias universidades e de muitos outros países (Europa, China, Índia, África, América Latina, mundo árabe-muçulmano etc.).

O documento confidencial que o presidente Barack Obama encostou na sua mesa de trabalho na Casa Branca no passado dia 21 de janeiro, ao tomar posse do seu segundo mandato, foi publicado com o título: *Global Trends 2030: Alternative Worlds* (Tendências mundiais 2030: novos mundos possíveis). Que nos diz?

A principal constatação é: o declínio do Ocidente. Pela primeira vez desde o século XV, os países ocidentais estão a perder poder face à subida das novas potências emergentes. Começa a fase final de um ciclo de cinco séculos de dominação ocidental do mundo. Ainda que os Estados Unidos continuem a ser uma das principais potências planetárias, perderão a sua hegemonia econômica a favor da China. E não exercerá a sua "hegemonia militar solitária" como o fez desde o fim da Guerra Fria (1989). Caminhamos para um mundo multipolar no qual novos atores (China, Índia, Brasil, Rússia, África do Sul) têm como vocação constituir os pólos continentais e disputar a

supremacia internacional a Washington e aos seus aliados históricos (Japão, Alemanha, Reino Unido, França).

Para ter uma idéia da importância e da rapidez da decadência ocidental que se avizinha, basta assinalar estes dados: a parte dos países ocidentais na economia mundial vai passar dos atuais 56% para cerca de 25% em 2030... Ou seja, em menos de vinte anos, o Ocidente perderá mais de metade da sua preponderância econômica... Uma das principais conseqüências disto é que os Estados Unidos e os seus aliados não terão provavelmente os meios financeiros para assumir o papel de polícias do mundo... De tal modo que esta mudança estrutural, somada à profunda crise econômico-financeira atual, poderá conseguir o que nem a União Soviética nem a Al Qaeda conseguiram: debilitar durante muito tempo o Ocidente.

Segundo este relatório, a crise na Europa durará pelo menos um decênio, isto é, até 2023... E, sempre segundo este documento da CIA, não é seguro que a União Europeia consiga manter a sua coesão. Enquanto isso, se confirma a emergência da China como a segunda economia mundial e com vocação para se converter na primeira. Ao mesmo tempo, os demais países do grupo chamado BRICS (Brasil, Rússia, Índia e África do Sul) instalam-se em segunda linha competindo diretamente com os antigos impérios dominantes do grupo JAFRU (Japão, Alemanha, França, Reino Unido).

Em terceira linha, aparecem agora uma série de potências inter-médias, com demografias em alta e fortes taxas de crescimento econômico, chamadas a se converter também em pólos hegemônicos regionais e com tendência a se transformar num grupo de influência mundial, o CINETV (Colômbia, Indonésia, Nigéria, Etiópia, Turquia, Vietnã).

Mas de hoje a 2030, no Novo Sistema Internacional, algumas das maiores coletividades do mundo já não serão países, mas comunidades congregadas e vinculadas entre si pela internet e pelas redes sociais. Por exemplo, 'Facebooklândia': mais de um bilhão de usuários... Ou 'Twitterlândia', mais de 800 milhões... Cuja influência, na "guerra dos tronos" da geopolítica mundial, poderá revelar-se decisiva. As estruturas de poder esmaecer-se-ão graças ao acesso universal à rede e ao uso de novas ferramentas digitais.

A este respeito, o relatório da CIA anuncia o aparecimento de tensões entre os cidadãos e alguns governos numa dinâmica que vários sociólogos qualificam de 'pós-políticas' ou 'pós-democráticas'... Por um lado, a generalização do acesso à rede e a universalização do uso das novas tecnologias permitirão à cidadania atingir altas quotas de liberdade e desafiar os seus representantes políticos (como durante as primaveras árabes ou na crise dos "indignados"). Mas, ao mesmo tempo, segundo os autores do relatório, estas mesmas ferramentas eletrônicas proporcio-

narão aos governos "uma capacidade sem precedentes para vigiar os seus cidadãos".

"A tecnologia - acrescentam os analistas de Global Trends 2030 - continuará a ser o grande nivelador, e os futuros magnatas da internet, como poderá ser o caso do Google e do Facebook, possuem montanhas de bases de dados, e manejam em tempo real muito mais informação que qualquer governo". Por isso, a CIA recomenda à administração dos Estados Unidos que faça frente a essa ameaça eventual das grandes corporações da internet ativando o Special Collection Service, um serviço de espionagem ultra-secreto

- administrado conjuntamente pela NSA (National Security Service) e o SCE (Service Cryptologic Elements) das Forças Armadas
- especializado na captação clandestina de informações de origem eletromagnética. O perigo de que um grupo de empresas privadas controle toda essa massa de dados reside, principalmente, em que poderia condicionar o comportamento em grande escala da população mundial e inclusive das entidades governamentais. Também se teme que o terrorismo jihadista seja substituído por um ciberterrorismo ainda mais surpreendente.

A CIA toma tão a sério este novo tipo de ameaças que, eventualmente, o declínio dos Estados Unidos não terá sido provocado por uma causa externa, mas por uma crise interna:

o colapso econômico ocorrido a partir de 2008. O relatório insiste em que a geopolítica de hoje deve interessar-se por novos fenômenos que não possuem forçosamente um carácter militar. Pois, ainda que as ameaças militares não tenham desaparecido (veja-se as intimidações armadas contra a Síria ou a recente atitude da Coreia do Norte e o seu anúncio de um possível uso de armas nucleares), os perigos principais que ocorrem hoje nas nossas sociedades são de ordem não militar: mudança climática, conflitos econômicos, crime organizado, guerras eletrônicas, esgotamento dos recursos naturais...

Sobre este último aspeto, o relatório indica que um dos recursos que mais aceleradamente se está a esgotar é a água doce. Em 2030, cerca de 60% da população mundial terá problemas de abastecimento de água, dando lugar ao aparecimento de "conflitos hídricos"... Quanto ao fim dos hidrocarbonetos, a CIA mostra-se, pelo contrário, bem mais otimista que os ecologistas. Graças às novas técnicas de fraturação hidráulica, a exploração do petróleo e do gás de xisto está a atingir níveis excepcionais. Os Estados Unidos já são autossuficientes em gás, e em 2030 serão em petróleo, o que embaratece os seus custos de produção manufatureira e exorta à realocação das suas indústrias. Mas se os Estados Unidos - principal importador atual de hidrocarbonetos - deixar de importar petróleo, é de prever que os preços caiam significativamente. Quais serão então as

consequências para os atuais países exportadores?

No mundo para que vamos, cerca de 60% das pessoas viverão, pela primeira vez na história da humanidade, nas cidades. E, como consequência da redução acelerada da pobreza, as classes médias serão dominantes e triplicar-se-ão, passando de 1.000 para 3.000 milhões de pessoas. Isto, que em si é uma revolução colossal, acarretará como sequência, entre outros efeitos, uma mudança geral nos hábitos culinários e, em particular, um aumento do consumo de carne à escala planetária. O que agravará a crise ambiental. Porque multiplicar-se-á a criação de gado, de porcos e de aves; e isso supõe um aumento do gasto de água (para produzir alimentos), de pastos, de adubos e de energia, com repercussões negativas em termos do efeito de estufa e do aquecimento global...

O informe da CIA anuncia também que, em 2030, os habitantes do planeta serão 8.400 milhões, mas o aumento demográfico cessará em todos os continentes menos em África, com o conseqüente envelheci-

mento geral da população mundial. Pelo contrário, o vínculo entre o ser humano e as tecnologias de prótese acelerará a criação de novas gerações de robôs e o aparecimento de super-homens" capazes de proezas físicas e intelectuais inéditas.

O futuro é poucas vezes previsível. Não é por isso que há que deixar de o imaginar em termos de prospectiva, preparando-nos para atuar perante diversas circunstâncias possíveis, das quais uma só se produzirá. Ainda que já tenhamos advertido que a CIA tem o seu próprio ponto de vista subjetivo sobre a marcha do mundo, condicionado pelo prisma da defesa dos interesses norte-americanos, o seu relatório tetranual não deixa de constituir uma ferramenta extremamente útil. A sua leitura ajuda-nos a tomar consciência das rápidas evoluções em curso e a refletir sobre a possibilidade de cada um de nós para intervir e para fixar o rumo. Para construir um futuro mais justo.

* Ignacio Ramonet é Jornalista e sociólogo. Doutor em Semiologia

Transcrito do Boletim Rede



O que é (e o que não é) sustentabilidade

Oded Grajew*

Embora em voga, o conceito de sustentabilidade ainda é pouco compreendido tanto por quem fala sobre ele quanto por quem o ouve.

Nos últimos anos, intensificou-se a discussão a respeito do aquecimento global e do esgotamento dos recursos naturais. São preocupações legítimas e inquestionáveis, mas que geraram distorção no significado de sustentabilidade, restringindo-o às questões ambientais.

Não é só isso. A sustentabilidade está diretamente associada aos processos que podem se manter e melhorar ao longo do tempo. A insustentabilidade comanda processos que se esgotam. E isso depende não apenas das questões ambientais. São igualmente fundamentais os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

A sustentabilidade e a insustentabilidade se tornam claras

Esgotar recursos naturais não é sustentável. Reciclar e evitar desperdícios é sustentável.

Corrupção é insustentável. Etnocídio é insustentável. Violência é insustentável. Paz é sustentável.

Desigualdade é insustentável. Justiça social é sustentável. Baixos indicadores educacionais são insustentáveis. Educação de qualidade para todos é sustentável.

Ditadura e autoritarismo são insustentáveis. Democracia é sustentável. Trabalho escravo e desemprego são insustentáveis. Trabalho decente para todos é sustentável.

Poluição é insustentável. Ar e águas limpas são sustentáveis. Encher as cidades de carros é insustentável. Transporte coletivo e de bicicletas é sustentável.

Solidariedade é sustentável. Individualismo é insustentável.

Cidade comandada pela especulação imobiliária é insustentável.



vel. Cidade planejada para que cada habitante tenha moradia digna, trabalho, serviços e equipamentos públicos por perto é sustentável.

Sociedade que maltrata crianças, idosos e deficientes não é sustentável. Sociedade que cuida de todos é sustentável.

Dados científicos mostram que o atual modelo de desenvolvimento é insustentável e ameaça a sobrevivência inclusive da espécie humana.

Provas não faltam. Destruímos quase a metade das grandes florestas do planeta, que são os pulmões do mundo. Liberamos imensa quantidade de dióxido de carbono e outros gases causadores de efeito estufa, num ciclo de aquecimento global e instabilidades climáticas.

Temos solapado a fertilidade do solo e sua capacidade de sustentar a vida: 65% da terra cultivada foram perdidos e 15% estão em processo de desertificação.

Cerca de 50 mil espécies de plantas e animais desaparecem todos os anos e, em sua maior parte, em decorrência de atividades humanas.

Produzimos uma sociedade planetária escandalosa e crescentemente desigual: 1.195 bilionários valem, juntos, US\$ 4,4 trilhões - ou seja, quase o dobro da renda anual dos 50% mais pobres. 01% de mais ricos da humanidade recebe o mesmo que os 57% mais pobres.

Os gastos militares anuais pas-sam de US\$ 1,5 trilhão, o equivalente a 66% da renda anual dos 50% mais pobres.

Esse cenário pouco animador mostra a necessidade de um modelo de desenvolvimento sustentável. Cabe a nós torná-lo possível e viável.

ODED GRAJEW, 68, empresário, é coordenador da secretaria executiva da Rede Nossa São Paulo e presidente emérito do Instituto Ethos. É idealizador do Fórum Social Mundial

Transcrito da Folha de São Paulo

As vezes, a única coisa verdadeira num jornal é a data

Luís Fernando Verissimo

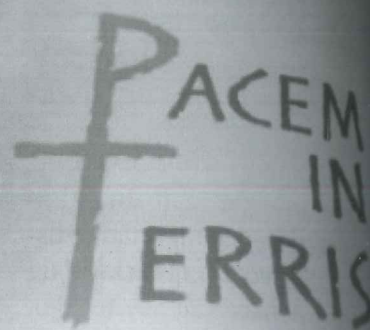
Os 50 anos da

José Oscar Beozzo *

A Encíclica *Pacem in Terris* (PT: Paz na Terra) que celebra seu cinquentenário em 2013, é a última Encíclica do Papa João XXIII. Foi publicada no dia 11 de abril de 1963, entre a 1ª sessão do Concílio (11 de outubro a 8 de dezembro de 1962) e a 2ª sessão conciliar do outono de 1963. Ela é ao mesmo tempo fruto do clima conciliar e inspiração e norte para os seus posteriores debates e documentos.

Saiu a menos de dois meses do falecimento do Papa e teve profundo impacto na elaboração dos posteriores documentos conciliares, primeiro, pelo seu espírito que aposta no diálogo e nunca na força, na ameaça ou no medo, como instrumento para se chegar a paz e, segundo, por seu método inovador, partindo dos sinais dos tempos.

Destaco dois documentos que se tornaram devedores diretos desta encíclica: a *Gaudium et Spes*, (GS) em primeiro lugar. Recorre a ela doze vezes, em especial no capítulo V da II Parte: "A construção da paz e a promoção da comunidade dos povos".



A curta, mas densa e decisiva Declaração *Dignitatis Humanae* (DH), sobre a liberdade religiosa, cita diretamente a PT sete vezes. A encíclica, no âmbito da Igreja Católica, tornou-se a carta magna dos direitos da pessoa humana e dos povos e a *Dignitatis Humanae* é o grande documento em que se renuncia a vez à utopia da cristandade e os Estados "católicos" que pudessem pela coerção impor à população a fé, como se fez na colonização, os princípios morais ou os valores da Igreja Católica. Erige-se como valor primeiro a inviolabilidade da consciência humana e o princípio que a proposta da fé só pode dirigir-se à liberdade das pessoas que nem Deus viola e muito menos pode sofrer constrangimento ou ameaça por parte da Igreja ou do Estado.

A PREOCUPAÇÃO COM OS RUMOS DA CORRIDA ARMAMENTISTA

A encíclica *Pacem in Terris* nasceu diretamente da assim chamada crise dos mísseis ou crise de Cuba

com a instalação pelos soviéticos em Cuba de mísseis com ogivas nucleares, em 1962. Brotou também da consciência de que a humanidade havia sido levada à beira de um holocausto nuclear, por falta de caminhos para o diálogo; de que a paz era o bem humano mais precioso e de que, em tempos de armas de destruição em massa, a paz era condição para a própria sobrevivência da humanidade.

João XXIII tomou a iniciativa de escrever diretamente a Kennedy e a Krushev, instando os dois líderes a não cometerem a loucura de colocar em risco a própria humanidade e alertando-os sobre sua responsabilidade moral de encontrar uma saída negociada para o impasse político-militar que se criava. Conseguiu que sua voz fosse ouvida e que superada a crise, fosse instalado o telefone vermelho com ligação direta e constante entre a Casa Branca e o Kremlin, para evitar qualquer má interpretação das intenções recíprocas ou eventual passo em falso que desencadeasse uma guerra termonuclear. O Papa busca superar o anterior debate ético sobre a guerra justa, que se apoiava principalmente na doutrina do direito de defesa de uma nação injustamente agredida por outra. Isto levou o Concílio a declarar na GS, ecoando a posição do Papa: "Qualquer ação bélica que leve à destruição indiscriminada de cidades inteiras ou de vastas regiões com seus habitantes, é um cri-

me contra Deus e o próprio homem, a ser condenado com firmeza e sem hesitações" (GS 80).

Toda a atual propaganda de que bombas e mísseis alcançaram um grau de precisão milimétrico, evitando os chamados danos "colaterais", ou seja, a morte de inocentes e da população civil é apenas cortina de fumaça, para encobrir o dado aterrador de que mais de 90% das vítimas nas guerras atuais se dá, não entre combatentes, mas no seio da população civil, incluindo de maneira crescente, mulheres e crianças.

A PT condena ainda em termos veementes não só a guerra, mas toda a corrida armamentista que desvia recursos escassos e necessários para combater a fome, doenças e demais carências que afligem a humanidade (PT 109-118); contesta aqueles que afirmam que o "equilíbrio do terror nuclear" é a melhor maneira para se garantir a paz; e pede que sejam banidas todas as armas nucleares e assume com força a denúncia do grave prejuízo que a corrida armamentista traz para a vida e sobrevivência dos pobres.

O Papa alertava ainda que, tão ou mais importante que a redução das armas, era o desarmamento dos espíritos, a criação de um clima de confiança mútua e a construção das bases para um frutuoso diálogo apoiado na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade.

Apontava ainda a necessidade da construção de uma autoridade mundial capaz de mediar os conflitos, superar as injustiças e garantir a paz. Via na ONU um embrião dessa possível autoridade pública mundial destinada a assegurar o bem comum, não apenas nacional, mas internacional, ou seja, da humanidade toda de modo especial dos mais fracos e desfavorecidos, povos ou pessoas.

ELEMENTOS DE NOVIDADE

Há três elementos de absoluta novidade na *Pacem in Terris*. É o primeiro documento pontifício que foi dirigido não apenas para os cardeais, arcebispos, bispos, clero e fieis católicos, mas para todas as pessoas de boa vontade. Evoca nesse sentido, a mensagem do anjo aos pastores no nascimento de Jesus: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade".

Inova, ainda quanto ao método seguido. Cada uma das quatro partes centrais da PT debruça-se sobre os sinais dos tempos, ou seja, sobre aqueles acontecimentos através dos quais Deus nos fala e nos interpela na história humana.

Na primeira parte da Encíclica ("Ordem entre os seres humanos, seus direitos e deveres"), são apontados três sinais: a) a ascensão das classes trabalhadoras; b) o ingresso das mulheres na vida pública; c) a independência de nações até então colonizadas (PT 39-42).



Na segunda parte ("Relações entre os seres humanos e os poderes públicos no interior das nações") aponta outro sinal: a cancelamento dos direitos fundamentais das pessoas que passou a fazer parte da Constituição política de muitos países. Diz a Encíclica que cabe ao Estado e aos governantes reconhecer, respeitar, tutelar e promover esses direitos e deveres dos cidadãos, em particular, o direito de sua ativa participação na vida pública do Estado. (PT 75-78).

Na terceira parte ("Relações entre as comunidades políticas") entre os sinais assinalados, encontra-se a convicção de que é "com negociações, e não com armas, que devem ser dirimidas as eventuais controvérsias entre os povos" (PT 126).

Na quarta parte ("Relações dos seres humanos e das comunidades políticas com a comunidade mundial"), são apontados como sinais a constituição da ONU, em 1945 e de uma série de outros or-

ganismos internacionais, assim como a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948.

A quinta e última parte da Encíclica desemboca em propostas de linhas de ação transformadoras da realidade e expressão do empenho dos cristãos e de homens e mulheres de boa vontade para construir a paz, que João XXIII chama de "imensa tarefa". Esta parte ganha o título de "Diretrizes Pastorais".

Este método de debruçar-se primeiro sobre a realidade, escutar as interpelações que dela brotam, para em seguida iniciar a reflexão mais de caráter bíblico e teológico e desembocar finalmente em ações concretas de caráter pastoral, mas também social, político e econômico, tornou-se o roteiro inspirador da CS no Concílio. Foi também, de modo mais acabado e articulado, assumido como referencia para os 16 documentos da II Conferência Geral do Episcopado latino-americano, em Medellín (1968) e tomou-se, finalmente, na América Latina, a plataforma metodológica para a Teologia da Libertação.

A PT apresentou-se ainda como modelo daquela "pastoralidade" que devia inspirar e conformar toda a vida da Igreja e que João XXIII pediu no seu Discurso de abertura do Vaticano II que fosse a luz a guiar a assembléia conciliar.

O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO

Este é o terceiro elemento de absoluta novidade desta encíclica que provocou um histórico desbloqueio mental e prático da parte de inimigos entrenchados em campos contrários, absolutamente convictos do bom fundamento de suas posições e arredios a qualquer diálogo ou concessão a seus supostos ou verdadeiros oponentes.

A PT opera uma distinção entre a pessoa e seu eventual erro, entre as doutrinas e os movimentos históricos por elas suscitados e coloca os marcos e critérios para o diálogo e a cooperação entre pessoas situadas em campos aparentemente opostos e irreconciliáveis.

Preferimos, neste particular, reproduzir o texto, que se diz, foi introduzido de última hora pelo Papa pessoalmente, quando a Encíclica já se encontrava no prelo e que se tornou uma de suas marcas registradas.

O parágrafo leva por título: "Relações entre Católicos e Não-Católicos no campo Econômico-Social-Político: "As linhas doutrinárias aqui traçadas (necessidade do diálogo e do empenho de todos para se construir a paz brotam da própria natureza das coisas se, as mais das vezes pertencem à esfera do direito natural. A aplicação delas oferece, por conseguinte, aos católicos, vasto campo de colaboração tanto

com cristãos separados desta fé Apostólica, como com pessoas sem nenhuma fé cristã, nas quais, no entanto, está presente a luz da razão e operante a honradez natural. Em tais circunstâncias, procedam com atenção os católicos, de modo a serem coerentes consigo mesmos e não descerem a compromissos em matéria de religião e de moral. Mas ao mesmo tempo, mostrem espírito de compreensão, desinteresse e disposição em colaborar lealmente na consecução de objetivos bons por natureza, ou que, pelo menos se possam encaminhar para o bem " (PT 157).

No parágrafo seguinte alerta o Papa: "Não se deverá jamais confundir o erro com a pessoa que erra, embora se trate de erro ou inadequado conhecimento em matéria religiosa ou moral. A pessoa que erra, não deixa de ser uma pessoa, nem perde nunca a dignidade de ser humano e, portanto, merece estima. Ademais, nunca se extingue na pessoa humana a capacidade natural de abandonar o erro e abrir-se ao conhecimento da verdade, promover encontros, nos vários setores de ordem temporal, entre católicos e pessoas que não tem fé em Cristo ou tem-na de modo errôneo, podem ser para estes ocasião e estímulo para chegarem à verdade" (PT 158).

Finalmente aborda a encíclica o ponto mais delicado: "Além disso, cumpre não identificar falsas idéias filosóficas sobre a natureza, a

origem e o fim do universo e do homem, com movimentos históricos de finalidade econômica, social, cultural ou política, embora tais movimentos encontrem nessa idéias filosóficas a sua origem e inspiração. A doutrina, uma vez formulada, é aquilo que é, mas um movimento, mergulhado como está em situações históricas em contínuo devir, não pode deixar de sofrer o ínfimo e, portanto, é suscetível de alterações profundas. De resto, quem ousará negar que nestes movimentos, na medida em que concordam com as normas da reta razão e interpretam as justas aspirações humanas, não possa haver elementos positivos dignos de aprovação" (PT 159). "Pode por conseguinte acontecer que encontros de ordem prática, considerados até agora inúteis para ambos os lados, sejam hoje, ou possam vir a ser amanhã, verdadeiramente frutuosos" (PT 160).

Essas palavras da encíclica foram interpretadas no Brasil, como sinal verde para o estabelecimento de alianças entre os católicos da JUC (Juventude Universitária Católica) e da AP (Ação Popular) com os militantes do Partido Comunista, em coligação que disputou e ganhou as eleições para a direção da UNE (União Nacional dos Estudantes) com geral reprovação da hierarquia católica naquele momento.

Na Itália, atribuiu-se à Encíclica brusca queda dos votos na Demo

cracia Cristã e o salto à frente do Partido Comunista Italiano nas eleições daquele ano, assim como o impulso dado no processo político de aliança entre a democracia cristã e os socialistas na célebre "abertura à esquerda", abertura à esquerda.

A encíclica recebeu imediato e universal reconhecimento num mundo então antagonicamente dividido entre os dois blocos da guerra fria. Este inesperado e inusitado consenso ganhou um selo público e visível na concessão ao Papa do Prêmio da Paz da Fundação Balzan, de caráter laico e de inspiração socialista, que João XXIII recebeu apenas de três semanas de sua morte, a 17 de maio de 1963.

No seu agradecimento pelo prêmio, João XXIII insistiu que a Paz é um edifício que se constrói dia a dia, por meio um empenho constante, e que deve apoiar-se sobre aqueles quatro pilares, já evocados na

encíclica: a verdade, a justiça, a caridade e a liberdade.

Finalizamos, recordando que João XXIII foi alertado por seus médicos, pouco antes da abertura do Concílio, do prognóstico sombrio de que, por causa do câncer intestinal que fora detectado, teria apenas uns poucos meses mais de vida.

Nesse horizonte de sua morte pessoal próxima e anunciada, podemos dizer, que o discurso de abertura do Vaticano II, a Gaudet Mater Ecclesia (Alegra-se a Mãe Igreja) foi o testamento espiritual de João XXIII para a Igreja, enquanto a Pacem in Terris foi seu testamento para a humanidade toda.

* Historiador, teólogo, escritor. Autor de "A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II" Paulinas/Educam, 2005. É coordenador do Centro Ecumênico de Serviços à Evungetização e Educação Popular (CESEEP).

"A fé desempenha em nossa vida um papel mais importante do que supomos, e é o que nos permite fazer mais do que pretendemos. Creio que aí está o elemento precursor de nossas ideias. Sem a fé não se teriam elaborado jamais hipóteses e teorias, nem se teriam inventado as ciências ou as matemáticas. Estou convencido de que a fé é um prolongamento do espírito: negar a fé é condenar-se e condenar o espírito que engendra todas as forças criadoras de que dispomos."

Charlie Chaplin (Carlitos)

Na luta pela justiça, vivendo a partilha do que possui, do que é, do que sabe, para que cresça a comunhão entre todos os homens, o cristão busca coragem e discernimento no **encontro pessoal com o Senhor que se faz presente no pão e no vinho partilhados e servidos na mesa comum. A eucaristia é o sacramento da partilha e da comunhão.** O pão e o vinho foram escolhidos por Jesus justamente por representarem, simbolicamente, os frutos da terra e da natureza, e os produtos do trabalho dos homens, **que devem ser repartidos entre todos e não consumidos por uma minoria privilegiada.**

Os sacramentos divinos (II)

Helio Amorim*



A humanização supõe necessariamente essa partilha, para que todos tenham vida, e vida em abundância. Para que se estabeleça uma verdadeira comunhão entre todos os homens e mulheres, em todo o mundo. Na celebração deste sacramento central da vida do Povo de Deus, Cristo não se faz presente “no pão e no vinho”, mas “no pão e vinho partilhados”, ou seja, “no ato de partilhar”. Da mesa dessa partilha do pão e do vinho, participam os cristãos comprometidos, na sua vida cotidiana, em tornar real a partilha dos benefícios oferecidos pela natureza e gerados pelo trabalho humano.

A essência do ser cristão está resumida nesse compromisso, celebrado no sacramento que alimenta tão exigente disposição. Portanto, não tem sentido participar da eucaristia sem a vivência ou a disposição efetiva de viver o que nela é celebrado. Uma questão de coerência. O rito da comunhão é de extraordinária riqueza, um sinal sensível, visível e eloquente daquilo que significa. A Graça de Deus que lhe dá eficácia se concretiza em renovada coragem para o cristão partilhar seus bens, seus talentos, seu saber, seu tempo, sua vida e seu próprio ser, com aqueles que vivem em situações desumanas. Também para alimentar o seu elán e entusiasmo nas lutas em favor de mais justiça e solidariedade nas relações sociais e nas estruturas da sociedade. É um sacramento comunitário, celebração de comunhão entre todos os homens e mulheres. Não

se trata, portanto, do que aprendemos no passado, por uma falha na catequese, como um alimento espiritual sem referência aos compromissos da partilha.

Muitos são os carismas e ministérios de serviço aos cristãos e ao mundo. Todos são necessários para que seja fecunda a presença da Igreja no mundo. Alguns dos cristãos que formam o Povo de Deus, com especial vocação de serviço e dedicação integral à missão da Igreja, recebem um mandato especial para exercer ministérios e funções de serviço mais exigentes. Essa opção especial de serviço é celebrada solenemente: é o sacramento do servidor do Povo de Deus. A Graça opera para dar a esses cristãos a necessária cora-

gem e discernimento para o exercício fecundo e corajoso dessa missão tantas vezes heroica.

Na luta pela vida, na doença ou frente ao risco da morte, recorda-se o Deus da vida, que envia Seu filho para oferecer a todos vida abundante. A unção com os óleos usados no passado para dar força aos guerreiros e gladiadores, preparando-os para a luta contra a morte, é o sinal sensível desse sacramento dos enfermos. É canal para a Graça transbordar sobre aqueles que deverão enfrentar as vicissitudes da enfermidade e a aceitação da morte, como prenúncio e esperança de vida plena, confiante na ressurreição.

*Descomplicando a fé”
Editora Paulus

Madimir Maiakóvski

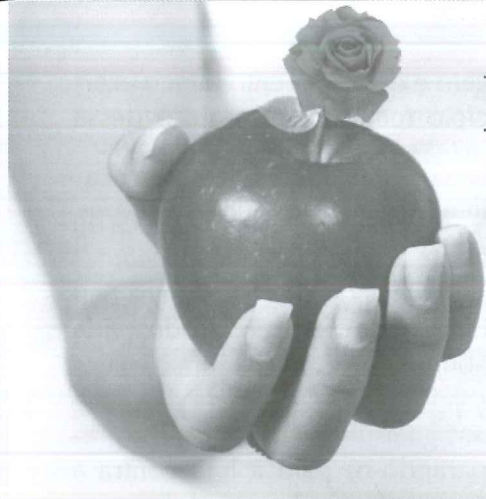
*Amar não é aceitar tudo. Aliás: onde tudo é aceito,
desconfio que há falta de amor.*

*A arte não é um espelho para refletir o mundo,
mas um martelo para forjá-lo.*

*Você não pode deixar ninguém invadir o seu jardim para
não correr o risco de ter a casa arrombada.*

Poderiam ordenar-me: “Mata-te na guerra”.

*Teu nome será o último coágulo de sangue em meus
lábios rasgados pelas balas.*



Maria Inês de Castro Millen*

Ser professor por gosto e vontade é pensar um modo de educar que seja capaz de ultrapassar os limites das estruturas sustentadoras do ensino.

Sou professora por gosto. Talvez porque ache imprescindível, para o sentido de viver, o ato de professar publicamente meus assombros, minhas perplexidades, meus temores, mas, sobretudo, minhas crenças e esperanças. O que me move cotidianamente a exercer este ofício é o desejo de despertar o outro para as perguntas adormecidas que o farão caminhar na busca das respostas capazes de oferecer razões para viver e esperar.

Trazer à memória coletiva o professor, no dia 15 de outubro, em plena primavera, é de bom tom. Isto porque a primavera é o tempo do espocar da beleza das

Professores e primaveras

"Eu quase que nada não sei, mas desconfio de muita coisa"

João Guimarães Rosa

flores, do contraste das cores e dos cheiros que nascem das sementes espalhadas em campos, praças e jardins. Professar ou educar, por sua vez, é também um ato de semear desejos e sonhos e, por isso, é sempre um ato de amor e de esperança.

Por esta razão, apesar de tudo que possa trabalhar em contrário, quero continuar professora, pelo simples prazer de olhar nos olhos de meus alunos e ver o brilho que revela o assombro fundante, primordial, de quem descobre as sendas e as veredas que conduzem a mundos ainda não conhecidos, mas grávidos de possibilidades e promessas.

Quero continuar professora porque gosto de gente, mais do que de coisas, e porque acredito que, junto com outras gentes, é possível saborear a alegria de plantar sementes que germinarão am-

nhã. Educar é um trabalho de jardinagem. O professor planta, rega, aduba e descansa seu coração enquanto espera a floração que chegará na primavera.

Que nesta e em outras primaveras, os professores, amantes de seu ofício, possam se encantar e se surpreender, muitas vezes, com a beleza das flores que aparecem magicamente em lugares e situações muitas vezes impensáveis e improváveis.

Que nesta e em outras primaveras continuem professando, no seu existir, a fé na vida que não se deixa abater por esquemas mal-elaborados, estruturas deficientes, salários mal pagos, pessoas mal-amadas. Que nesta e em outras primaveras, como construtores do

amanhã, possam sempre semear desejos de justiça, de alegria, de reconciliação, de solidariedade e de paz no coração de quantos passem por seus caminhos.

Maria Inês de Castro Millen
Professora e coordenadora
de pesquisa do CES/JF

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1) Refletir, preferencialmente em grupo e, se possível, escrever sobre o seguinte tema Magistério: Do prazer ao exercício profissional, que envolve saúde, salário, formação, família, trânsito, segurança, enfim qualidade de vida e mercado.

2) Vale a pena dar aulas nas atuais circunstâncias existentes para o exercício profissional?

Nunca tenha medo de tentar algo novo. Lembre-se de que um amador solitário construiu a Arca. Um grande grupo de profissionais construiu o Titanic.

Minha mulher e eu temos o segredo para fazer um casamento durar: duas vezes por semana, vamos a um ótimo restaurante, com uma comida gostosa, uma boa bebida e um bom companheirismo. Ela vai às terças-feiras e eu, às quintas.

Luís Fernando Veríssimo



Você é um só

Luli Radfahrer

E não é aquele do Facebook. Do Google+. Do Instagram. Dos games. Do WhatsApp. Nem de todas essas redes, e outras tantas, combinadas. Morando sozinho ou se isolando por trás das telas brilhantes de smart-phones, tablets, PCs e notebooks, falando pelo Twitter o que não teria coragem de dizer ao vivo, multiplicado por diversos perfis e avatares, você ainda é um só.

Você, que acumula objetos de uso questionável e contribui para a formação do lixo eletrônico ao mesmo tempo que reclama da poluição e da exploração do planeta.

Você, que faz passeata contra a corrupção enquanto compra notas frias. Que critica o tráfico ao mesmo tempo em que o financia, que reclama do preço do ônibus, mas não deixa o carro nem para ir até a padaria. E que, uma vez nele, não respeita fai-

xa, deficiente, idoso ou limite de velocidade e fala ao celular enquanto anda.

Você que, via redes sociais, se orgulha de ter atingido uma fusão entre intimidade e distância, quando o máximo que fundiu foi a ilusão de ambas. Sua comunidade se transformou em um mecanismo terceirizado de autoimagem, ao mesmo tempo vaidoso e inseguro, preguiçoso e ansioso, otimista e pragmático.

Imerso na rede, você criou um reflexo psicológico em que precisa saber de tudo no mesmo momento, posicionando-se o quanto antes, já que cada atualização diz mais respeito à opinião dos outros do que ao que você realmente pensa.

Fascinado pela ideia de se transformar em veículo de informação, você parece ter se esquecido (ou deixado de se importar) que só

haverá meios se houver mensagens. E que ao reproduzir sem pensar o que ouve dos outros, não ouve mais do que microfonia.

Não adianta se esconder nem tentar desafiar seus ritmos biológicos na vã tentativa de acompanhar o mundo simbólico em que vive, evitando qualquer contato com a realidade. O máximo que conseguirá é confundir seus mapas com o território que representam.

Você acha que é diferente e, no entanto, é igualzinho aos que critica. Não espanta que espere cada vez mais da tecnologia e cada vez menos das pessoas.

É inegável, você está só. Sua sociedade não foi criada pelo mundo digital, mas por suas ações esquivadas. Não adianta mais colocar a sociedade na terceira pessoa, tentando se isentar de qualquer responsabilidade. O mundo "real" tem muito de virtual. E vice-versa. É uma relação simbiótica.

Mas conexão não é o mesmo do que vínculo. O budismo (o de

verdade, não essa onda chamada de "sabedoria 2.0", em que a meditação é uma espécie de videogame contemplativo) ensina que todos estão interconectados. Que os desafios reais não estão no futuro, mas bem à nossa frente. E que o apego aos bens e às ideias pode ser muito prejudicial.

Ao dar à tecnologia um espírito vago, impessoal, o que move a sociedade é uma desculpa esfarapada. Fruto de um sistema capitalista, a única resposta que a tecnologia pode trazer é mais tecnologia. Ela é só uma ferramenta, não há consciência nela. Tudo que ela faz é fruto de ideias de gente como você.

Por mais que você ache, como Mário de Andrade, que é trezentos, que é trezentos e cinquenta, não se iluda. Como ele, você é um só. E ainda terá que topa consigo e prestar contas com seu legado.

Apesar de você, diz a música, amanhã há de ser outro dia.

*Transcrito do Caderno Tec
da Folha de São Paulo*

**Vocês sonham com coisas que existem e se perguntam: Por que?
Eu sonho com coisas que não existem e me pergunto: Por que não?**

Bernard Shaw

GOTAS

para reflexão

Colaboração de Geni Fioreze
 Deriva do MFC Erechim - RS

Uma vida equilibrada só tem respostas agradáveis, respostas simpáticas, respostas bondosas... Mas e por que tantos casais se tratam com tão pouca ternura? Por que tantos pais não vivem o carinho com seus filhos? Por que tantos filhos são tão ásperos com seus pais? Por que esquecemos que fomos criados por um Deus que é amor?

Existe um caminho tão simples para chegar junto à pessoa: o caminho do afeto, da compreensão, da humildade... o caminho de quem procura dar soluções, auto-estima, valorização, esperança, confiança e amor. Não digamos aos nossos filhos que a vida é dura, mostremos a eles que o caminho se faz caminhando. Se queremos a paz no mundo, é preciso – para tanto – viver esta paz dentro de nosso mundo.

Um abraço não diminui a autoridade de um pai, de uma mãe. Antes, pelo contrário, um abraço

deixa o pai ou a mãe com mais força, mais próximo do adolescente e do jovem. Ah! Se os pais soubessem a grandiosidade de se dar um abraço, de dar crédito às fantasias do adolescente ou aos sonhos do jovem! ... Mas é preciso paciência... é preciso ter muita habilidade... "Pegam-se mais moscas com mel do que com vinagre".

É muito importante que a família assuma a responsabilidade da informação e da educação de seus filhos a fim de que estes tenham uma vida saudável e consciente.. Eis a razão de tantas perguntas hoje:

- Por que os adolescentes e jovens são tão desequilibrados no relacionamento entre eles? Por que tantas dificuldades na educação para o amor?
- O afeto e o carinho com que a educação dos filhos precisa acontecer não deveria ser uma situação natural?
- Por que tanto barulho para se informar e formar um filho?

O amor, a dedicação, o afeto acontecem no aconchego, na tranquilidade de espírito, na paz...

"Que os filhos conheçam a força que brota do amor"
 (Pe.. Zezinho)

Que bom se os filhos aprendessem no colo dos pais a se respeitarem, a se amarem! Falar de afetividade, de carinho parece assunto passado, sem importância. Não estamos falando de situações complicadas. Estamos refletindo a urgência de repensarmos a vida, o relacionamento entre pais e filhos, entre família e comunidade. Não esqueçamos que só uma vez nos nasce um filho, nossa filha tem 1 ano, 2 anos, 3 anos... Só uma vez tem 14

anos, 15 anos... Só uma vez tem 18 anos, 20 anos...

Nós louvamos o Senhor porque nos fez família, nos fez comunidade e nos fez sociedade. Peçamos ao Senhor que todos possam viver o bem, a paz e o amor, redescobrimos o grande bem de termos sido criados à imagem e à semelhança de Deus. Que Deus nos ajude a viver em família, cuidando do mundo a fim de que ele seja a casa de todos, lutando para que todos tenham teto, comida, escola, trabalho, saúde e fraternidade.

Que todos sejamos verdadeiros discípulos e missionários em nossas famílias e em nossas comunidades.

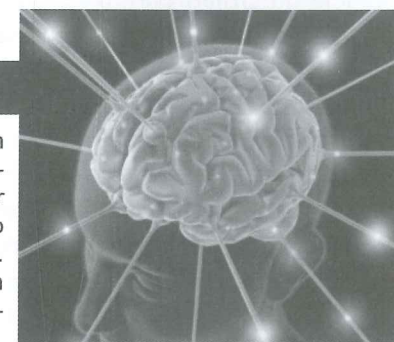
UTILIDADE PÚBLICA

AVC

Muitas vezes, os sintomas de um derrame (AVC) são difíceis de identificar. A vítima do derrame pode sofrer severa consequência cerebral se não for socorrida em no máximo três horas. Qualquer pessoa pode reconhecer um derrame fazendo à vítima estas simples perguntas:

- Peça-lhe que SORRIA.
- Peça-lhe que FALE e diga uma frase simples, com coerência (ex : Hoje o dia está ensolarado).
- Peça-lhe que levante AMBOS OS BRAÇOS.
- Peça-lhe ainda que ponha a LÍNGUA para fora.

Se ele ou ela têm algum problema em realizar qualquer destas tarefas, ou se a língua estiver torcida e sair por um lado ou por outro, chame a emergência imediatamente e descreva os sintomas, ou leve-a rápido ao hospital.



O MÉDICO E A ÉTICA

Em 1956, conheci, na cidade do Serro, em Minas, o médico Antonio Tolentino, que era o profissional mais idoso ainda em atividade no Brasil. Ele chamava a atenção por dois motivos: coubera-lhe assistir ao parto de Juscelino, em 1902, e não alterara o valor da consulta, que equivalia, então, a cinco cruzeiros. Entrevistei-o, então, para a Revista Alterosa, editada em Minas e já desaparecida.

Em razão da matéria, o deputado federal Vasconcelos Costa obteve, da Câmara, uma pensão vitalícia da União para o médico, que morreu logo depois. Ele tinha, na época, 94 anos – e setenta de atividade. Seus descendentes criaram um museu, em sua casa e consultório. Uma das peças é o anúncio que fez, logo no início da carreira: “aos pobres, não cobramos a consulta”.

Confesso o meu constrangimento. Estou em idade em que dependo, e a cada dia mais, de médicos, e de bons médicos, é claro. Tenho, entre eles, bons e velhos amigos. O que me consola é que os meus amigos estão mais próximos da filosofia de vida do médico Antonio Tolentino, do que



dos que saíram em passeata, em nome de seus direitos, digamos, humanos.

Mais do que outros profissionais, os médicos lidam com o único bem absoluto bem dos seres, que é a vida. Os enfermos a eles voltam as suas dores e a sua esperança. É da razão comum que eles estejam onde se encontram – pacientes – e não que eles tenham sido atraídos pela avassaladora influência do capitalismo norte-americano, que está a de certo exercício de medicina e da terapêutica. A indústria farmacêutica passou a assunto, a opinião que me pareceu mais justa foi a de Adib Jatene, patologias em que concentrar. Um dos profissionais mais respeitados do Brasil, Jatene acrescenta: A orientação do caso, baseada no maior lucro, por duas vezes, Ministro da Saúde de que se deve investir em de. Ele está preocupado, acima de tudo, com a qualidade do ensino para o tratamento de doentes médico no Brasil. Se houverem que atinjam o maior número para os médicos exames de admissão, a medicina, em grande

parte, passou a ser especulação estatística e probabilística.

Os médicos protestam contra a contratação de profissionais estrangeiros, pelo prazo de três anos, para servir em cidades do interior, onde há carência absoluta de profissionais. Não seriam necessários, se os médicos brasileiros fossem bem distribuídos no território nacional, mesmo considerando a má preparação dos formados em escolas privadas de péssima qualidade, que funcionam em todo o país.

Ora, o governo oferece condições excepcionais para os que queiram trabalhar no interior. O salário é elevado, de dez mil reais, mais moradia para a família, e alimentação. É muitíssimo mais elevado do que o salário oferecido aos engenheiros e outros profissionais no início de carreira. Ainda assim, não os atraem. E quando o governo acrescenta ao currículo dois anos de prática no SUS, no interior e na periferia das grandes cidades, vem a grita geral.

bem preparados que se encontram para vencer a seleção dos vestibulares. Os pobres, com a ilusão do crescimento pessoal, sacrificam os pais e pagam caro a fim de obter um diploma universitário que pouco lhes serve na dura competição do mercado de trabalho.

Um médico sugeriu que a profissão se tornasse uma "carreira de estado", como o Ministério Público e o Poder Judiciário. Não é má a idéia, mas só exequível com a total estatização da medicina. Estariam todos os seus colegas de acordo? Nesse caso não poderiam recusar-se a servir onde fossem necessários.

Temos, no Brasil, o serviço civil alternativo que substitui o serviço militar obrigatório, e é prestado pelos que se negam a portar armas. Embora a objeção possa ser respeitada em tempos de paz, ela não deve ser aceita na eventualidade da guerra: a defesa da nação deve prevalecer. Mas seria justo que não só os pacifistas fossem obrigados, pela lei, depois de formados pelos esforços da sociedade como um todo, a dar um ou dois anos de seu trabalho à comunidade nacional, ali e onde sejam necessários. Nós tivemos uma boa experiência, com o Projeto Rondon, que deveria ser mais extenso e permanente como instituição no Brasil.

As manifestações recentes mostram que todos, em seus conjuntos de interesses, querem mais do Estado em seu favor. Não seria o caso de oferecerem alguma coisa de si mesmos à sociedade nacional? Dois anos dos jovens médicos trabalhando no SUS – remunerados modestamente e com os gastos pagos pelo Erário – seriam um bom começo para esse costume. E a oportunidade de aprenderem, com os desafios de cada hora, a arte e o humanismo que as más escolas de medicina lhes negaram.

Mauro Santayana

Parece-nos oportuno acrescentar o juramento que esses profissionais prestam quando se formam:

Prometo que, ao exercer a arte de curar, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência. Penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará os segredos que me forem revelados, o que terei como preceito de honra. Nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, goze eu para sempre a minha vida e a minha arte com boa reputação entre os homens; se o infringir, dele afastar-me, suceda-me o contrário.

O Realejo

*Oh, eu gostaria que o mundo todinho fosse florido, todo coberto de paz, de flores brancas e azul. A coisa mais linda é a paz... O mundo tá faltando paz... Nosso Brasil, é maravilhoso o povo, mas tá com muita violência dentro de casa... A casa é um inferno! Ninguém pode mais ficar dentro de uma casa! Crianças "estrapada", mãe matando filho, filho matando mãe... O meu sentimento é este! Família! Desejo à família de todo o mundo que seja mais unida! Que tenha mais amor! As nossas crianças... Essas crianças muito cedo, tudo na rua... Muito sofrimento... Não tem estudo, não tem nada... Então as crianças vai crescendo, vai matando! E criança de gente rica sem amor, sem carinho dos pais! Quanto mais... ambição, que também tem muita ambição no mundo. Dar muito presente pra criança não vale a pena. Dá pouco presente e palavras boa, palavras firme, uma palavra de certeza, a única coisa que eu digo ao mundo é família, é união, é o amor, é isso que nós temos que levar...**

*Extraído dos depoimentos de pessoas que vivem nas ruas

O Realejo ©Rosana Paíazyán

Contribuição de Terezinha Junqueira do MFC-JF



FANATISMO.

Havia um crente, muito devoto, que confiava em Deus para a solução de todos os seus problemas. Certo dia choveu muito e a casa dele começou a ser inundada. Quando a água estava chegando em seus ombros, passa um homem numa canoa e lhe diz:

- Sobe, que o levo para um lugar seco!

O crente responde-lhe:

- Não precisa, irmão, porque tenho fé em Deus e Ele vai me ajudar! As águas subiram mais ainda e o crente teve que ir para o telhado. Passa um cara com um barco a motor:

- Sobe, que o levo para um lugar seguro!

O crente, novamente, recusa a ajuda:

- Não precisa, porque creio em Jesus e Ele vai me ajudar!

Quando as águas subiram até o pescoço do crente, aparece o helicóptero dos bombeiros e eles o chamam pelo megafone:

- Pega a corda para podermos subir você!

O crente, *teimoso como uma mula*, responde-lhes:

- Obrigado, mas não precisa, porque Deus vai me salvar!

O crente não sabia nadar e morreu afogado.

Foi para o paraíso e perguntou para Deus:

- Senhor, meu Pai, confiei em Você! Por que me abandonou para morrer afogado?!

Deus respondeu-lhe:

- Como é que o abandonei? Mandei-lhe uma canoa, uma lancha e até um helicóptero e você os recusou!

LÁPIDES TUMULARES.

AGRÔNOMO: Favor regar o solo com Neguvon. Evita vermes!

ALCOÓLATRA: Enfim, sóbrio!

ARQUEÓLOGO: Finalmente, fóssil!

ASSISTENTE SOCIAL: Alguém aí para me ajudar?

BROTHER: Fui!

CARTUNISTA: Partiu sem deixar traços!

DELEGADO: Está olhando o quê? Circulando, circulando!

ECOLOGISTA: Entrei em extinção!
ENÓLOGO: Cadáver envelhecido em casa de carvalho!

ESPIRITUALISTA: Volto já!

FUNCIONÁRIO PÚBLICO: É no túmulo aqui!

GARANHÃO: Rígido, como sempre!

GAY: Virei purpurina!

HERÓI: Corri para o lado errado!

HIPOCONDRIACO: Não disse que estava doente?!

HUMORISTA: Isso não tem a menor graça!

JANGADEIRO DIABÉTICO: Foi doce morrer no mar!

JUDEU: O que estão fazendo aqui? Quem está tomando conta da lojinha?

PESSIMISTA: Aposto que está fazendo o mal ou frio no inferno!

PSICANALISTA: A eternidade não passa de um complexo de superioridade mal resolvido!

SANITARISTA: Sujou!

VICIADO: Enfim, pó!

MANIAS DE ECONOMIA

Almoçar domingo na casa da sogra só para economizar.

Amarrar as pernas dos óculos com esparramo para não cair.

Anotar recado de telefone em papel de pão.

Reclamar porque o caixa não lhe deu troco de um centavo.

Colocar copos de água nos pés da cama e da mesa para as formigas não subirem.

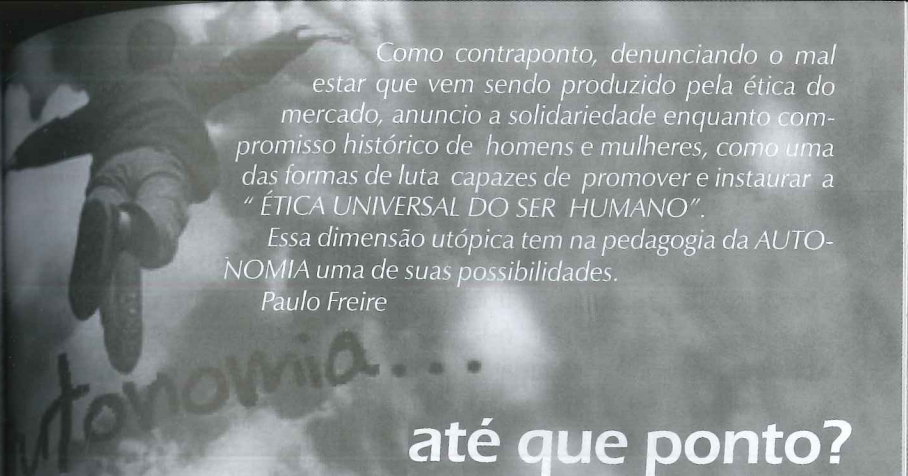
Em dia de chuva, amarrar saco plástico em volta do sapato para não molhar.

Entrar em loja de R\$ 1,99 e querer achar um presente legal.

Esticar a língua para lambar o fundo do copo de iogurte.

Subir na laje para mexer na antena e ficar gritando lá de cima: Melhorou?

Tapar vazamento do botijão de gás com resto de sabão.



Como contraponto, denunciando o mal estar que vem sendo produzido pela ética do mercado, anuncio a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres, como uma das formas de luta capazes de promover e instaurar a "ÉTICA UNIVERSAL DO SER HUMANO".

Essa dimensão utópica tem na pedagogia da AUTONOMIA uma de suas possibilidades.

Paulo Freire

até que ponto?

Luiz Carlos Torres Martins

Primeiramente conceituemos AUTONOMIA à luz do Filósofo Immanuel Kant que relaciona filosoficamente o conceito de AUTONOMIA confunde-se com o de liberdade, considerando na qualidade de um indivíduo de tomar suas próprias decisões, com base na razão. No qual o indivíduo não é condicionado a "agir", mas sim impulsionado por uma auto exigência. KANT relaciona o quanto a palavra *dever* é utilizada na filosofia e com ela "ofusca" a noção de liberdade, porém basta pensar que as coisas se fazem "por dever ou com dever".

Autonomia – (autos. EU; nomos, LEI). Diz respeito à capacidade que tem a racionalidade humana de fazer leis para si mesma. Significa a capacidade de a pessoa governar-se a si mesma, ou a capacidade de se auto-governar, escolher, dividir, avaliar, sem restrições internas ou externas. A

introdução do critério da autonomia em ética nas profissões da saúde e no relacionamento familiar é recente, a partir da década de 70, mas na ética em geral já era utilizado há muito tempo.

Até então o critério fundamental era o da beneficência que, na busca do bem do paciente, privilegiava o papel do médico, do cirurgião - dentista, do enfermeiro. Com o critério da autonomia, há uma reviravolta completa na relação profissionais da saúde-pacientes, pais-filhos, maridos-esposas. Emergiu uma relação não mais de sujeitos (profissionais da saúde, pais, maridos), e objetos (pacientes, filhos, esposas), mas de sujeitos (profissionais da saúde e paciente, pais e filhos, maridos e esposas).

Agora trata-se de sujeitos autônomos, que estabelecem relações interpessoais, compartilham decisões em parceria e no gozo de plenos direitos.

Servir-se da sua própria razão é ser autônomo e, portanto, livre. Por outro lado, servindo-se de sua própria emoção a liberdade não é plena, pois está condicionada a momentos tensos onde a emoção supera a razão, tornando a liberdade, - assim como a ética-, relativa. Considerando que a tomada de posição de uma pretensa liberdade de falar, agir e ou por dever, foi por impulso emocional, chegando a extrapolar o limite de sua autonomia e ameaçando o sujeito antagônico no começo de sua liberdade, nesta situação, temos uma AUTONOMIA RELATIVA. Relativa na medida em que prevaleceu a emoção sobre a razão. A razão estabelece limites: - respeito, censo crítico, generosidade, verdade, palavras medidas, etc. Ao contrário, a emoção não tem medidas, perde-se o auto controle, palavras sem sentidos, agressões, desrespeito etc. Confirmando a assertiva acima, a filosofia popular nos diz: "minha liberdade / autonomia termina onde começa a do outro".

Assim entendida, a liberdade é transcendente; por isso, ela atua sobre os comportamentos que se elevam acima da sensibilidade, dos sentimentos, das paixões, simpatias e antipatias. A liberdade é transcendente; por isso mesmo dá a si própria sua lei e estabelece seus fins sem tomar em consideração os obstáculos do mundo sensível.

"Considerando, portanto, que o único princípio de todas as leis morais é a autonomia autolegislativa da vontade, a lei moral deve começar em nós no "eu invisível", a nossa personalidade e projeta-nos num mundo que tem a verdadeira infinidade. O espetáculo da lei moral em nós eleva infinitamente o nosso valor como inteligência por meio da nossa personalidade, na qual a lei moral nos revela uma vida independente da animalidade e mesmo de todo o mundo sensível".

Nessa medida é que conseguiremos resgatar o nosso tempo como historicidade, e conseguiremos o mais importante - imprimir à nossa existência um sentido. Para nós, cristãos, esse sentido é a proposta do Evangelho "libertador". "Eu vim para que todos tenham vida e vivam em plenitude". A plenitude aí inclui liberdade/autonomia. O Evangelho não faz distinção entre vida material e vida espiritual; ele une as duas coisas.

O grande desafio é construir uma sociedade na qual todos tenham vida material digna, com total autonomia e liberdade responsável, possibilitando a prática de sua vida espiritual. Só então vamos conseguir construir um mundo sintonizado na grande energia do amor, porque o fim de toda política positiva - porque há

aquele que não é positiva - é construir a sociedade do amor. Onde as nossas diferenças não só permanecerão, como serão acentuadas, mas jamais se tornarão divergências. E nós, porque sabemos gostar de nós mesmos, e nos amamos, saberemos amar o outro e ver no outro o sacramento de DEUS.

O 18º ENA NA VISÃO DO NOSSO POETA

Todo encontro é uma festa um convívio fraternal sobretudo, se acontece a nível nacional.

A festa é do humano é saúde, no total

Aquecida a chimarrão no ena do caatingal

As 72 discípulas, hoje aqui são quase mil

Operarias do reino de Deus mobilizando o Brasil

Muito bem representadas as nacionais regiões

Dos 17 estados de mefecistas congregando os corações

Uma nota de saudade marcou da festa, o início

Por todos os que partiram ao realizar seu ofício

Gritamos com o Brasil na festa de inauguração

Exigindo zelo ecológico e das culturas, a exultação

Nesta chave de leitura a família está patente

Luiz Carlos Torres Martins é membro do MFC/Juiz de Fora-MG, Cirurgião Dentista e Professor. Referências Bibliográficas: Problemas Atuais de Bioética-Leocir Pessini e Christian Barchifontaine, As Raízes Cristãs da Autonomia - Jean Carlos Selleti e Volnei Garrafa, Pedagogia da Autonomia - Paulo Freire

Pois ela e a pátria grande em sua fase latente

Na divina liturgia nosso bispo Dom Luis

Desejou a este povo ser uma família feliz!

Caros leitores e leitoras da nossa luminosa Fato e Razão.

Paz e luz. Serei bem feliz de poder ecoar no coração das famílias do Brasil as luzes intensas que nos embebedaram naquela séria e maravilhosa folia, vocês são a razão de ser de minha escreveção. Como Jesus, anunciar a todas as famílias, que elas sejam porta estandarte da felicidade. Este e o mandamento de Deus, gravado nas mantas de carne de nossos corações. Tratem de ser felizes. Retornem às fontes do 18º ena, no sudoeste baiano. Só assim a nossa festa não terá fim.

Pe. Arnaldo Lima Dias...

O coração tem razões que a própria razão não compreende...

Quero viver esta verdade...

Evangelização e Missão Profética da Igreja

Novos Desafios

I. O testemunho de fé cristã e o Pluralismo Cultural e Religioso

Atuação da Igreja em favor da pessoa, da comunidade e da sociedade na superação do relativismo e na convivência no mundo pluralista. **(Publicado na edição 81)**

II. O compromisso da Igreja em termos de inclusão social

Atuação da Igreja diante do fato chocante da desigualdade e de miséria, apontando caminhos de superação. **(Publicado na edição 82)**

III. A Dignidade Humana e a Biotecnologia

Atuação diante dos avanços e conquistas da ciência e a necessidade de respeitar os critérios éticos de prioridade à Vida.

DIGNIDADE HUMANA E BIOTECNOLOGIAS

Nova Realidade: Fascinante e Preocupante. A revolução biotecnológica coloca-se num nível surpreendente, pois mergulha nas profundezas do código genético, tanto para conhecê-lo como para alterá-lo.



GENÉTICA: DESVENDANDO SEGREDOS E LEVANTANDO QUESTIONAMENTOS

Para avaliar os avanços da genética convém ter presentes as preocupações que marcaram o século XX.

O que são e quantos os genes? Onde se localizam? Quais são suas funções? Como agem e como se articulam? Qual sua responsabilidade no caso de certas doenças?

O Projeto Genoma Humano é o resultado de 10 anos (1990-2000) de esforços de diversas nações e instituições particulares, e foi de máxima importância para firmar certos dados anteriores, e, ao mesmo tempo, para colocar outros em descrédito.

BIOTECNOLOGIA: EXPRESSÃO DE UM NOVO PODER

Nós nos encontramos diante de uma realidade nova e com repercussões sobre a natureza dos seres vivos. Neste horizonte de fundo se fala hoje em "**biopoder**".

Quem tem o domínio dos segredos da vida pretende dominar a própria vida. Isto traz interrogações de cunho antropológico e ético. Diante

dos desdobramentos da conjugação entre genética e biotecnologia é compreensível que se alternem **esperanças** de avanços verdadeiros e medo de recuos desumanizantes.

CONQUISTAS E ESPERANÇAS

A biogenética e a biotecnologia abre perspectivas de conquistas significativas em todos os campos do saber e do poder.

Podemos sinalizar os avanços em termos de **agro-indústria**. A polêmica em torno dos **transgênicos**: além das fundadas interrogações referentes à **saúde e à ecologia**, é preciso acrescentar interrogações referentes ao "**pacote biotecnológico**" que poucas multinacionais detêm em mãos.

Uma coisa é produzir transgênicos e apostar todas as cartas nesta direção com a ilusão de vencer o terrível drama da fome. Outra coisa é, através de novos conhecimentos e novas técnicas, buscar o aprimoramento na agricultura.

Quando se fala em "avanços" é preciso dar destaque ao **campo da medicina**, com esperanças de prevenção ou melhora de certas anomalias de origem genética.

Os diagnósticos na base do DNA (material genético) são mais rápidos e mais precisos do que os exames sofisticados. Com isto abrem-se boas perspectivas para uma **ação preventiva nas várias fases da vida**, antes de as doenças se manifestarem.

Mais do que intervenções miraculosas, a genética e a biotec-

nologia oferecem conhecimentos e recursos que deveriam levar a um **aprimoramento dos meios convencionais**. Evidencia-se uma questão ética de primeira grandeza:

Como investir na biotecnologia, sem negligenciar os investimentos prioritários destinados à saúde pública, ainda tão precária em nosso meio?

MISSÃO PROFÉTICA DA IGREJA: Anunciar o Evangelho da Vida

Ao longo da história do nosso país, a Igreja Católica desempenhou papel importante, seja no cotidiano da vida do País, seja nos novos rumos para a sociedade.

Julga sua obrigação fazer-se presente na hora em que estão ocorrendo **transformações profundas na linha dos conhecimentos** e da capacidade de intervir nos mecanismos mais secretos da vida.

A Igreja quer colaborar com a construção da cultura da vida.

• Apontam para a **cultura da vida**: todas aquelas virtudes que se traduzem pelo espírito de acolhida, pela solidariedade, pela compreensão, pelo perdão.

• Apontam para a **cultura da morte**: as formas de violência, o aborto, o tráfico de órgãos, o homicídio, a eutanásia, o cultivo de preconceitos, de ódio, de vingança.

Esta **luta entre cultura da vida e da morte** se trata tanto num plano individual como num plano social e político.

O anúncio do Evangelho da vida

deve ser alimentado *"por meio de formas de animação social e de empenho político, que defendam e proponham a vida nas nossas sociedades cada vez mais complexas e pluralistas"* (EV 90).

Entre estas políticas merecem lugar de destaque as políticas sociais e familiares. Trata-se de buscar uma virada histórica que só é possível mediante *"uma mobilização geral das consciências e um esforço ético comum, para se atuar uma grande estratégia em favor da vida. Todos juntos devemos construir uma nova cultura de vida"*(EV 95).

RECORDANDO ALGUMAS POSIÇÕES

Todos têm direito a um lar. Antes, a grande preocupação consistia em *"evitar filhos"* a todo custo e com qualquer método. Hoje se nota um movimento do *"filho único"*, como um direito a ser obtido e com qualquer método.

Inseminação artificial e fecundação *in vitro*, passam a ser vistos como expedientes normais. Além dos altos custos e das frustrações, estes procedimentos revelam uma **nova face da prepotência humana**.

O direito de ter um pai e uma mãe não significa só o direito a pais biológicos, mas o direito do aconchego de um lar.

OS EMBRIÕES SÃO REVESTIDOS DE DIGNIDADE

Empresas de biotecnologia bombardeiam o público com uma pergunta capciosa: **o que fazer com os**

milhares de embriões congelados nos laboratórios? São seres humanos geneticamente formados.

Para nós, os embriões são sujeitos de todo o respeito devido a qualquer pessoa. A consciência grita: *"não se produzam mais embriões em laboratório"*.

A vida tem início no momento da fecundação

Para justificar a manipulação genética e embrionária, volta-se ao argumento de que o óvulo fecundado ainda não é vida humana. São apresentadas várias teorias sobre o início da vida humana.

Para nós cristãos é auspicioso termos a certeza de que ninguém, em nenhuma situação, é fruto do acaso.

ILUMINANDO ALGUMAS QUESTÕES RECENTES

"Sim" às pesquisas com células-tronco adultas

A descoberta das **células-tronco** se constituiu uma grande conquista da genética atual, mas é uma questão complexa. As **células-tronco embrionárias** implicam na eliminação do embrião o que é moralmente inaceitável.

Para estudar as células vivas, existe o caminho da pesquisa em animais, dentro de suas normas específicas.

A clonagem terapêutica visando a **criação de tecidos e órgãos** para substituir os transplantes é ainda hipótese. Continua louvável a generosidade da oferta de órgãos possibilitando sobrevida a outras.

"SIM" À VIDA EM TODAS AS ETAPAS E MANIFESTAÇÕES
Sobre a **anencefalia**, podemos dizer que ninguém pode ficar insensível diante de uma mãe que gesta um embrião anencefálico. Parece não se tratar de uma questão estritamente genética: ela remeteria para causas nutricionais e ambientais.

Temos a considerar, também, o fato de tais fetos poderem sentir dor e responder a estímulos, com possível sobrevida de dias e meses. Uma razão a mais para não eliminá-lo antecipadamente e, menos ainda, para encará-lo como eventual doador de órgãos.

"SIM" À BIODIVERSIDADE
A **clonagem** tem provocado grande discussão. Distingue-se entre clonagem reprodutiva e terapêutica. A primeira, seria rejeitada por quase todos. A segunda, aceita por muitos.

Clonar significa anular as diferenças numa ameaça à biodiversidade. A Bíblia apresenta a diversidade como expressão da sabedoria de Deus que introduziu ordem num mundo caótico.

Há uma **"cultura da clonização"** estabelecendo padrões de beleza, de normalidade, de modernidade. É necessário um controle social da pesquisa científica: nem tudo o que é tecnicamente possível é eticamente aceitável.

PROPOSTAS CONCRETAS

Vivemos, em termos de conhecimentos e de poder no que se refere à vida, um momento histórico único.

São muitas as instituições com peso social ligadas à Igreja Católi-

ca ou a ela filiadas com parcerias diversas.

- Pedimos que **as universidades católicas** invistam o máximo para seus cursos de Bioética serem fundamentados nos princípios e valores cristãos.

- **Propomos diálogo leal:** com setores da pesquisa biotecnológica, do poder público, do Executivo, do Legislativo e do Judiciário. O diálogo por vezes tem sido difícil. Para tornar mais compreensíveis nossos pressupostos oferecemos estas reflexões.

- **Aos pesquisadores**, que buscam promover a vida e a saúde, nossa palavra de incentivo.

- **Aos representantes do Poder Legislativo**, pedimos que volte a ser discutida a Lei de Biosegurança.

- **Aos representantes do Poder Judiciário**, a favor da interrupção da gravidez em casos de anencefalia, exortamos reconsiderar a posição.

- **Ao Poder Executivo**, pedimos medidas e técnicas para evitar a morte de milhares de crianças. Seja assumido o Projeto de Lei que cria o **Comitê Nacional de Bioética para as Ciências da Vida**.

- **Aos agentes de pastoral** solicitamos que sejam promovidos encontros de reflexão e aprofundamento.

É importante que os fiéis e a população saibam o que está ocorrendo e conheçam claramente a posição do Magistério da Igreja. Poderemos contribuir eficazmente para que os avanços dos conhecimentos genéticos e os avanços biotecnológicos sirvam de **suporte para um autêntico processo de humanização**.

Onde buscar a paz?

Pe. Eduardo Belotti*

A paz é um sentimento que toda humanidade procura a cada instante. Já vimos tantas definições de paz, como por exemplo: paz é a ausência de guerra. Que tipo de guerra é esta? Ora, todos os tipos de guerra, quando em sua ausência representa paz. Entretanto, no nosso dia a dia, queremos falar da guerra que não é bélica, aquela guerra que temos dentro de nós quando por livre vontade optamos fazer sempre o que nos prejudica ou até mesmo não respeitando à aquela pessoa que está sempre conosco. Mas onde buscar a paz?

Às vezes, queremos paz, mas o nosso coração, todo nosso ser está repleto de ódio, de mal querer. Será que percebemos que temos em nossa pessoa algo de bom, que não sabemos de onde vem e muitas vezes nos damos conta que estamos fazendo o bem. Este algo de bom, podemos chamar de Deus, pois somos feitos à sua imagem. Será que estamos conscientes de que somos feitos à imagem de Deus? Ou nem queremos saber desta afirmação? Esta afirmação judaico-cristã nos remete a uma vivência de paraíso, onde os que acreditam vivem em perfeita ordem e harmonia tanto com a natureza quanto com o seu criador. Quando se fala de harmonia com a natureza, denomina-se também o homem, ou seja, humanidade. Por isso, a humanidade deve sempre viver em harmonia

com o seu criador, gerando paz em todos os minutos. Então podemos dizer que a paz está bem perto de nós, ou melhor, está dentro de nós, depende apenas de nossa vontade, da nossa capacidade de agir.

"Quando o Apóstolo Paulo nos adverte em sua carta aos Filipenses 4,6-7: **Não vos preocupeis por coisa alguma; antes as vossas petições sejam conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças. E a paz de Deus que excede todo entendimento guardará os vossos corações e sentimentos em Jesus Cristo.**" **Observa-se que a preocupação faz parte daqueles que não colocam a sua esperança em Deus, ou que não tem a consciência da filiação divina.** A paz de Deus que excede todo entendimento guardará os vossos corações e sentimentos em Cristo Jesus. São Paulo nos indica que Deus tem paz, porque Ele é amor. O Amor produz este sentimento de paz que irradia para todos que o procuram. Consequentemente a paz se encontra em Deus. Talvez, esta busca esteja muito simplista, entretanto para aqueles que buscam a paz verdadeira, só poderá encontrá-la em Deus. Shalom a Todos!

Pe. Eduardo Belotti é Assistente Eclesiástico do MFC de Maringá-PR

Estamos obcecados com o "MELHOR"

Leila Ferreira

Não sei quando foi que comecei essa mania, mas hoje não quero saber do "melhor".

Tem que ser o melhor computador, o melhor carro, o melhor emprego, a melhor dieta, a melhor operadora de celular, o melhor tênis, o melhor vinho. Bom não basta.

O ideal é ter o top de linha, aquele que deixa os outros para trás e que nos distingue, nos faz sentir importantes, porque, afinal, estamos com o "melhor".

Isso até que outro "melhor" apareça e é uma questão de dias ou de horas até isso acontecer.

Novas marcas surgem a todo instante. Novas possibilidades também. É o que era melhor, de repente, nos parece superado, modesto, alguém do que podemos ter.

O que acontece, quando só queremos o melhor, é que passamos a viver inquietos, numa espécie de insatisfação permanente, num eterno desassossego.

Não desfrutamos do que temos ou conquistamos, porque estamos de olho no que falta conquistar ou ter.

Cada comercial de TV nos convence de que merecemos ter mais do que temos.

Cada artigo que lemos nos faz imaginar que os outros (ah, os outros...) estão vivendo melhor, comprando melhor, amando melhor, ganhando melhores salários.

Aí a gente não relaxa, porque tem que correr atrás, de preferência com o melhor tênis.

Não que a gente deva se acomodar ou se contentar sempre com menos. Mas o menos, às vezes, é mais do que suficiente.

Se não dirijo a 140, preciso realmente de um carro com tanta potência?

Se gosto do que faço no meu trabalho, tenho que subir na empresa e assumir o cargo de chefia que vai me matar de estresse

porque é o melhor cargo da empresa?

E aquela TV de não sei quantas polegadas que acabou com o espaço do meu quarto?

O restaurante onde sinto saudades da comida de casa e vou porque tem o "melhor chef"?

Aquele xampu que usei durante anos tem que ser aposentado porque agora existe um melhor e dez vezes mais caro.

O cabeleireiro do meu bairro tem mesmo que ser trocado pelo "melhor cabeleireiro"?

Tenho pensado no quanto essa busca permanente do melhor tem nos deixado ansiosos e nos impedido de desfrutar o "bom" que já temos.

A casa que é pequena, mas nos acolhe.

O emprego que não paga tão bem, mas nos enche de alegria.

A TV que está velha, mas nunca deu defeito.

O homem que tem defeitos (como todos nós), mas nos faz mais felizes do que os homens "perfeitos".

As férias que não vão ser na Europa, porque o dinheiro não deu, mas vai me dar a chance de estar perto de quem amo...

O rosto que já não é jovem, mas carrega as marcas das histórias que me constituem. O corpo que já não é mais jovem, mas está vivo e sente prazer.

Será que a gente precisa mesmo de mais que isso?

Ou será que isso já é o melhor na busca do "melhor" a gente nem percebeu?

Leila Ferreira é jornalista mineira com mestrado em Letras e doutorado em Comunicação, em Londres. Apesar disso, optou por viver uma vidinha mais simples, em Belo Horizonte.

QUESTÕES PARA REFLETIR

Ser melhor gera melhores resultados para que segmento social?

Você já parou e se perguntou se o ideal e ter melhor qualificação ou se o ideal é ser feliz?

O que você pode e deve fazer para ser feliz e gerar felicidade para outros, em vida comunitária?

A construção cidadã da felicidade está na solidariedade social descompromissada, ou com a ação política voltada para a transformação social?

Neste contexto, o que significa ser comprometido(a) com a construção de uma sociedade mais justa, humana, solidária e democrática?

Sabedoria antiga

Cora Coralina*

Eu não tenho medo dos anos e não penso em velhice. E digo pra você: não pense. Nunca diga estou envelhecendo ou estou ficando velha. Eu não digo. Eu não digo que estou ouvindo pouco. É claro que quando preciso de ajuda, eu digo que preciso. Procuo sempre ler e estar atualizada com os fatos e isso me ajuda a vencer as dificuldades da vida. O melhor roteiro é ler e praticar o que lê. O bom é produzir sempre e não dormir de dia. Também não diga pra você que está ficando esquecida, porque assim você fica mais. Nunca digo que estou doente, digo sempre: estou ótima.

Eu não digo nunca que estou cansada. Nada de palavra negativa. Quanto mais você diz estar ficando cansada e esquecida, mais esquecida fica. Você vai se convencendo daquilo e convence os outros. Então silêncio! Sei que tenho muitos anos. Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as ideias, mas não sei se sou velha não. Você acha que eu sou? Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade. Procuo semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança. Penso no que faço com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende."

CORA CORALINA, Poeta a querida poeta brasileira viveu 95 anos



UNESCO concede a Frei Betto o Prêmio José Martí 2013

“Uma vida dedicada à construção da Justiça e da Paz na perspectiva dos Direitos Humanos. Este foi o motivo que fundamentou a decisão da UNESCO ao conceder a Frei Betto o Prêmio José Martí 2013. Sobre o Prêmio, em uma entrevista ao Portal Minas Livre, assim se expressou Frei Betto “O mérito é de todos que lutamos por justiça, paz e direitos humanos na América Latina, Sou apenas um pequeno grão de imensa praia que converge rumo ao futuro melhor de nosso continente”. Esta edição traz uma síntese da carta, do Senador Eduardo Matarazzo Suplicy que demonstra a amplitude da missão vivida por Frei Betto, bem como a riqueza para os homens e as mulheres que acreditam que é possível construir um outro mundo, tão urgente e necessário hoje.

Dirigindo-se ao frade do ano, Suplicy assim afirma: “venho aqui dar o meu testemunho de quanto presenciei tantas vezes a sua atuação, suas palavras e recomendações a todos nós seus amigos do PT ou de outra organização ou mesmo independentes, de forma oral, pessoal, por seus artigos e livros, por suas pregações nas igre-

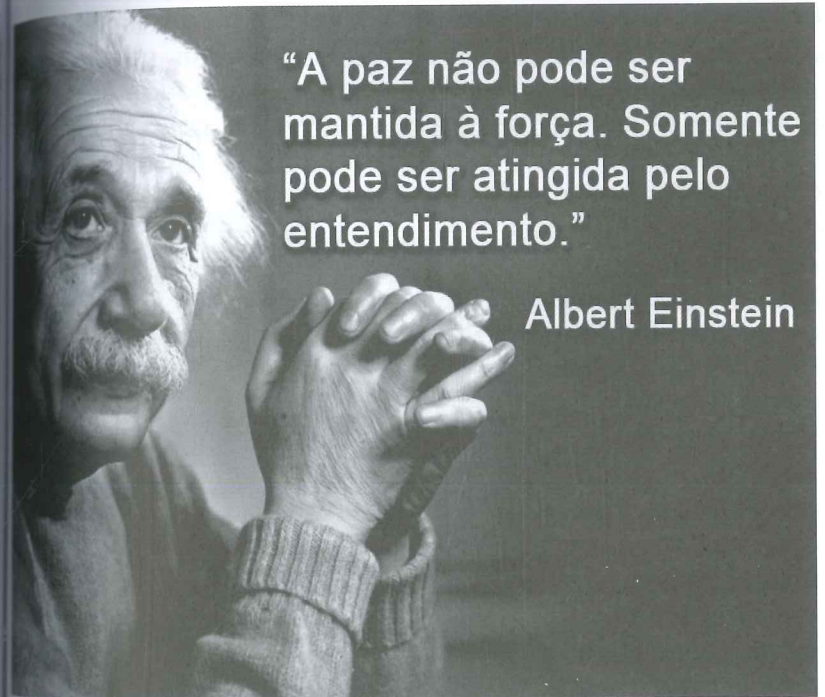


jas e tantos lugares, sempre dizendo o que pensava como o melhor mesmo que o interlocutor tivesse outro ponto de vista. Com o próprio Presidente Lula, desde quando era o Presidente do Sindicato ao tempo que ajudou a formar as pastorais operárias e da terra, até como seu assessor especial na Presidência, sempre o alertou, por exemplo, da relevância de que o povo fosse sempre convidado a participar das decisões da formulação de programas importantes como o Fome Zero e os mecanismos de erradicação da pobreza absoluta, de reforma agrária, de assentamentos, de formação de cooperativas e tantos outros.

Nos momentos difíceis por que passou o Governo e o PT, de forma companheira foi um conselheiro para iluminar o melhor caminho. Nas relações internacio-

nais, foi fundamental ao aproximar o Papa João Paulo II de Cuba e o Presidente Fidel Castro da religião da igreja Católica. Como pouco conhecido, discípulo de Frei Carlos Scaphat que nos transmitiu os ensinamentos do Papa João XIII, do Papa João Paulo II e como pessoa que também é ouvido pelo atual Papa Bento XVI. Companheiro na teologia da Libertação de Leonardo Boff, Frei Betto sabe perfeitamente como para que haja verdadeira paz no planeta Terra, na Palestina e em Israel, no Iraque, na Síria e no Irã, no Paquistão e no Afeganistão, na Coreia do Norte e na do Sul na Índia e na Chi-

na, na Colômbia entre o Governo Juan Manuel Santos e as Farc e o MLN, entre os EUA e Cuba, no Mali, no Sudão e no Sudão do Norte, na África do Sul, Malásia ou em Myanmar e em especial no Brasil, para que se diminua a violência que todo dia assombra a população da Grande São Paulo, do Rio de Janeiro e das áreas rurais e florestais, é necessário aplicarmos em profundidade os instrumentos que signifiquem a realização da justiça e a percepção de que o sentimento de solidariedade possa ser o resultado de uma ordem a ser construída com base no amor”.



“A paz não pode ser mantida à força. Somente pode ser atingida pelo entendimento.”

Albert Einstein

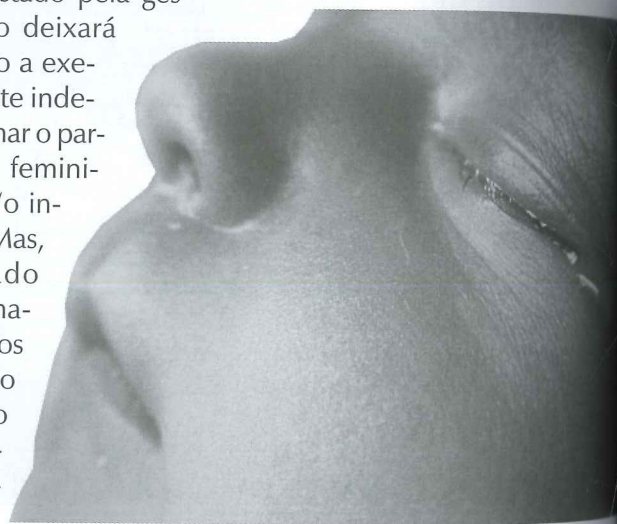
Aborto? Direito?

Dom Eduardo Benes
de Sales Rodrigues

A propósito do despropósito do Conselho Federal de Medicina do Brasil em julgar direito da gestante desfazer-se do ser humano em gestação, levo até o leitor artigo que publiquei quando os legisladores portugueses, em 2007, julgaram justo o abortamento até a décima semana de gestação.

Portugal acaba de legalizar a prática do crime de abortamento. Haverá por lá vidas humanas que até a décima semana poderão ser ceifadas. Deixou de ser crime. Fica por conta da gestante, orientada por especialistas, tomar a decisão. Autorizado e instado pela gestante, o médico deixará de ser o carrasco a executar um inocente indefeso, para ser tornar o parceiro do direito feminino de eliminar "o injusto agressor". Mas, se tiver passado mais de dez semanas - suponhamos onze semanas -, o mesmo médico estará cometendo um crime in-

fame. Pode-se então perguntar: que critérios levaram a permitir o abortamento até a décima semana e a negá-lo no resto do tempo de gestação? A vida do feto humano vale mais nas semanas seguintes? Quando a vida humana começa a ter valor? Antes do parto a gestante - e com ela a sociedade - pode dispor da vida em formação? São mais consequentes em sua insensibilidade moral aqueles que defendem o abortamento em qualquer etapa da gestação. E mais consequentes ainda serão se propuserem a eliminação pura e simples dos recém-nascidos que trouxeram grave incômodo aos pais ou a sociedade pelas mais variadas razões.



Como é facilmente verificável por pessoas que conservaram um mínimo de sensibilidade moral, a legalização do abortamento é fruto da arbitrariedade e da prepotência. É uma brutalidade, embora os brutos nunca aborem. Há quem tente justificar o abortamento para os casos em que a mulher tenha sido vítima de violência sexual. Há que se conheça a real dificuldade para a mulher de levar avante tal gravidez. Mas se ela escutar as batidas do coração do bebê que, com todo o carinho, seu corpo de mulher alimenta e protege, ser-lhe-á difícil alienar-lhe seu desejo de viver. Óhala, então, toda a sociedade se ajoelhe a seu lado para ajudá-la a transformar sua dor em fonte de vida para o filho que cresce em suas entranhas.

Legalizar o abortamento é aceitar que se cometa uma violência maior que a do estupro. Há argumentos a favor da legalização do abortamento que são fruto de uma concepção amorosa da existência. Nosso ministro da saúde, por ocasião da prisão de uma pobre moça que procurou o abortamento através de ingestão de droga, se mostrou favorável a descriminalização da prática. Como a moça que tomou essa providência já estava no quarto mês de gestação, parece que o ministro é de opinião que o abortamento poderá acontecer em

qualquer fase da gravidez. No que ele é bastante lógico, pois de fato a vida humana é a mesma no início e no fim da gravidez. Preocupado com as reações públicas à sua posição, o ministro era, ele também, a favor da vida. Mas concluiu dizendo que era preciso pensar na "situação de fato", nos riscos de vida para a mãe nas clínicas clandestinas e nos abortos sem assistência médica. O argumento é, pois, esse: o fato da prática em alta escala (?) do abortamento em clínicas clandestinas e em outras situações - com risco para a mulher - autoriza a sociedade legalizar sua prática. Do fato - não importa se é um bem ou não - parte-se para o direito. Assim se pensa também em relação ao jogo do bicho e a outras tantas realidades da vida em sociedade. É o argumento do "Já que". A moral não passa de "ciência dos costumes", entendida não como instância que avalia os costumes, mas como codificação dos costumes estabelecidos. Em tal contexto cultural educar para a virtude torna-se uma tarefa quase impossível. É mais fácil a filosofia do "Já que". O embrião ou feto é vida humana em processo como a minha e a sua, caro leitor e por isso deve ser protegida pela sociedade. Na verdade só teremos acabado de nascer ao morrer. Temos um destino eterno. Nossa vida, desde a concepção é sagrada.

Por isso é absurdo submeter à consulta popular - a plebiscito -, a descriminalização do aborto. Imaginem uma consulta popular no Irã sobre uma possível execução dos soldados ingleses aprisionados em águas iranianas. Supõe-se que os dirigentes de uma nação tenham discernimento para resguardarem os direitos fundamentais do ser humano e suficiente formação moral para discernirem entre o bem e o mal. É obrigação deles esclarecer a sociedade sobre as exigências concretas de respeito à dignidade humana e da procura do bem comum. Há valores que não dependem da votação da maioria. Soube que existe no Congresso Nacional a proposta de se promover uma consulta popular - um plebiscito - sobre a legalização do aborto. É absolutamente destituída de sentido ético tal iniciativa uma vez que só o fato de abrir tal consulta está a ensinar que se pode eliminar uma vida inocente e indefesa. Não faz muito tempo assisti em DVD a um abortamento. Vi uma criança de 12 semanas ser arrancada aos pedaços de sob o coração da mãe. Foi

uma cena horrível. O Dr. Bernard Nathanson, cognominado o "Rei do Aborto", diretor de uma clínica especializada em abortamentos nos EUA, depois de assistir o DVD de uma aborto que ele mesmo fez, - ele fizera tantos outros - horrorizado, converteu-se ao cristianismo, tornou-se discípulo do apóstolo do "direito de nascer" e é ele mesmo quem, em magistral aula, descreve, no DVD que assisti, o violento procedimento do abortamento. O aborto é um crime - para quem crê em Deus, um pecado - praticado por muitas mãos, também pelas mãos daqueles que fazem leis que o tornam "legal". Observação final: os laicistas argumentam que a fé não deve interferir nessas questões. A pura razão deve resolvê-las. Mas que lógica é esta que julga legítimo abortar até o terceiro mês de gestação. Por que não nas semanas seguintes? A reta e correta racionalidade é esta: o ser humano inocente tem direito a viver.

Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues
é arcebispo de Sorocaba (SP)
Fonte: Folha Missionária Arquidiocese
de Juiz de Fora, Ano II nº 30

"Não faças do amanhã o sinônimo de nunca, nem o ontem te seja o mesmo que nunca mais. Teus passos ficaram. Olha para trás ... mas vai em frente, pois há muitos que precisam que cheques para poderem seguir-te."

Charles Chaplin

MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes, assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Granbery CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG Telefone (32) 3214.2952 (De 13:00 às 17:00 h)
End. eletrônico: livraria.mfc@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Granbery CEP: 36010-520
Juiz de Fora - MG - Telefone: (32) 3214.2952 (De 13:00 às 17:00 h)
livraria.mfc@gmail.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Preto no branco
Um passo adiante

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Coordenação da Equipe de Redação de Fato e Razão

**RUA DO SAMPAIO, 360 APTº 801 - CEP 36010-360
JUIZ DE FORA/MG**